

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

JOANA DE QUADROS RIBEIRO

**A SINGULARIDADE DO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM DE FALAS  
SINTOMÁTICAS**

PORTO ALEGRE

2017

JOANA DE QUADROS RIBEIRO

**A SINGULARIDADE DO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM DE FALAS  
SINTOMÁTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciada em Letras pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Ely Milano

PORTO ALEGRE

2017

### CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Joana de Quadros

A singularidade do funcionamento da linguagem de falas sintomáticas / Joana de Quadros Ribeiro. -- 2017.

57 f.

Orientadora: Luiza Ely Milano.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Funcionamento da linguagem. 2. Fala sintomática. I. Milano, Luiza Ely, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais pelo apoio em todas as minhas escolhas (inclusive quando resolvi mudar o rumo da minha vida acadêmica), pelos esforços realizados para que eu pudesse viver aqui em Porto Alegre e pelo amor incondicional. Ao meu irmão pelo companheirismo e pela parceria durante este período. Rui, teus conselhos foram fundamentais para mim e, se hoje eu acrescento alguns itens à minha lista de conquistas, certamente devo a ti. Aos três, agradeço por sempre vibrarem comigo a cada vitória e por acreditarem em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma era incapaz de acreditar. Vocês são o que tenho de mais importante na vida!

À minha cunhada, pelo exemplo que ela é. Obrigada, de coração, por me mostrar toda a força que uma pessoa pode ter, independente da situação que ela esteja vivendo e obrigada, também, por ser essa pessoa de riso fácil e coração puro. Eu te admiro muito!

Ao meu noivo, Enrique, eu agradeço por toda a paciência e todo o carinho, não só nesse período da graduação, mas também nesses quase dez anos de relacionamento. Obrigada por todo o apoio, por seres o meu ponto de equilíbrio, o meu grande amigo e por teres o abraço mais reconfortante. Eu te amo muito!

À minha família, pela compreensão nessa etapa. Agradeço, principalmente, à tia Marisa e à tia Nina pela moradia. Aos demais tios, primos e ao meu afilhado, agradeço por todos os momentos de alegria, pelas risadas, pela torcida e por todas as orações. Agradeço, principalmente, por me mostrarem que a família é nosso bem mais precioso.

À Chinoca, Lola e ao Fred (*in memoriam*) eu agradeço pelos inúmeros momentos em que vocês representaram o alívio que eu tanto necessitava. Por toda a alegria e pureza, por todos os latidos, arranhões (de amor), miados e, também, por me fazerem rir e esquecer do mundo. Eu amo vocês, meus peludos!

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Luiza Milano, pela acolhida neste momento tão importante e crucial na vida de um aluno que é o fim da graduação. Agradeço pela confiança em mim depositada e por teres abraçado meus questionamentos, guiando meu caminho. Estendo meus agradecimentos à professora Carmem Luci, por ter me apresentado o mundo da pesquisa e por toda a paciência e carinho nesses quase dois anos de Iniciação Científica. À professora Monica Nariño, um muito obrigada especial, por ter sido

não só uma professora, mas uma grande amiga que me fez enxergar os acontecimentos por outra perspectiva e me ajudou, imensamente, na tomada de decisões importantes. Levarei os ensinamentos de vocês três para minha vida!

Às amigadas que fiz na graduação, principalmente à Vitória, por ter sido minha grande companheira nesses quatro anos e meio e meu braço direito (e muitas vezes o esquerdo também). À Valdiléia, Viviane, Mariana, Julia, Carla, Paula e todos que dividiram o corredor, as angústias e as alegrias comigo, eu agradeço por esses quatro anos e meio de amizade, companheirismo, apoio, conselhos e alegrias. Agradeço também à Ariela e à Isadora, pela parceria na Iniciação Científica e pela amizade que selamos após este período. Às amigadas que fiz antes da graduação, principalmente à Catiane, pelo carinho, torcida e por tantas vezes me entender e saber me ouvir como ninguém.

Agradeço, de forma geral, a todos que contribuíram e torceram para que eu chegasse até aqui. Com toda a certeza, este trabalho possui um pouquinho de cada um de vocês e sem vocês, nada disso seria possível. Obrigada, de todo meu coração!

*“Única é a condição do homem na linguagem.”*

(Émile Benveniste)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a singularidade do funcionamento da linguagem de falas sintomáticas. Considerando as teorias de Ferdinand de Saussure (1970/2012), Émile Benveniste (1966/2005; 1974/2006) e Roman Jakobson (1967/2010), é possível perceber a importância da análise linguística das falas ditas sintomáticas, uma vez que o par *normal/patológico* parece não sustentar toda a riqueza e heterogeneidade destas falas. De Saussure, questões importantes como as noções de *linguagem*, *língua* e *fala* são mobilizadas para a construção de um aparato teórico para a análise realizada. De Benveniste, o principal ponto é o tratamento da *subjetividade* na linguagem, questão essa de suma importância na obra do linguista e motivadora no presente trabalho. De Jakobson, a interpretação dos *polos metafórico* e *metonímico* é apresentada como outro ponto de interesse para a análise, além é claro da reflexão feita pelo autor sobre a relevância do estudo do funcionamento da linguagem, como um todo, a partir de casos de afasia. Além do que foi postulado pelos teóricos, considera-se também, para este trabalho, a problemática envolvendo o *normal* e o *patológico*, presente em Aresi (2009). Esta problemática levou à busca, na teoria dos três linguistas, de elementos que permitem realizar a análise de falas que não vão bem. As análises de dois fatos enunciativos, retirados de Surreaux (2006), apontam que a fala sintomática representa uma maneira singular de enunciar e que a simples oposição entre *normal* e *patológico* não é suficiente para explicar os fenômenos envolvidos neste tipo de fala. Sendo assim, a *teoria do valor*, o *quadro figurativo da enunciação* e a interpretação dos *polos metafórico* e *metonímico* constituem um arcabouço teórico interessante para nossas análises, uma vez que através destes elementos é possível analisar a singularidade do funcionamento da linguagem de cada fala dita sintomática, sem a necessidade de standardização em uma classificação dicotômica do par *normal/patológico*.

Palavras-chave:

Funcionamento da linguagem. Fala sintomática. Normal/patológico.

## ABSTRACT

This work's goal is to analyze the singularity of the language operation of symptomatic speech. Considering the theories of Ferdinand de Saussure (1970/2012), Émile Benveniste (1966/2005; 1974/2006) and Roman Jakobson (1967/2010), it is possible to understand the importance of the linguistic analysis of the speech denominated symptomatic, because the pair *normal/pathological* does not seem to support all the richness and heterogeneity of these speeches. From Saussure, important questions such as the notions of *langage*, *langue* and *parole* are mobilized to the construction of a theoretical apparatus for the analysis performed. From Benveniste, the main point is the treatment of *subjectivity* in the language, which is of utmost importance in the work of the linguist and motivates the present work. From Jakobson, the interpretation of the *metaphorical* and *metonymic poles* is presented as another point of interest for the analysis; and furthermore, we also being the reflection of this author about the relevance of the study of the language behavior as a whole, from aphasia cases. Adding to what was postulated by the theorists, it is also considered for this work, the problem involving the *normal* and the *pathological*, present in Aresi (2009). This problem led the search, in the theory of the three linguists, for elements that allow the analysis of speeches that are not going well. The analysis of the two enunciative facts taken from Surreaux (2006) indicates that the symptomatic speech represents a singular form of enunciate and the simple opposition between *normal* and *pathological* is not enough to explain the phenomena involved in this kind of speech. Therefore, the *value theory*, the *figurative picture of the enunciation* and the interpretation of the *metaphorical* and *metonymic poles* constitute an interesting theoretical framework to our analysis, since through these elements it is possible to analyze the singularity of the operation of the language of each speech denominated symptomatic, without the necessity of standardization in a dichotomous classification in the pair *normal/pathological*.

Keywords:

Operation of the language. Symptomatic speech. Normal/pathological.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Convenções utilizadas na transcrição dos fatos enunciativos.....	42
---	----

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>1 O NORMAL E O PATOLÓGICO .....</b>	<b>12</b>
1.1 O QUE SIGNIFICA “NORMAL” NA CLÍNICA? .....	13
1.2 O QUE SIGNIFICA “PATOLÓGICO” NA CLÍNICA? .....	14
1.3 A QUEDA DA OPOSIÇÃO ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO .....	15
<b>2 SAUSSURE, BENVENISTE E JAKOBSON: TEORIAS PARA SE PENSAR NA SINGULARIDADE DO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM .....</b>	<b>17</b>
2.1 A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA.....	17
2.1.1 Linguagem, língua e fala.....	19
2.1.2 O signo linguístico .....	22
2.1.3 Os princípios do signo linguístico: arbitrariedade, linearidade, mutabilidade e imutabilidade .....	23
2.1.4 O valor linguístico .....	25
2.1.5 As relações associativas e sintagmáticas.....	27
2.2 BENVENISTE E A SUBJETIVIDADE DAQUELE QUE ENUNCIA .....	29
2.2.1 A singularidade da linguagem na obra benvenistiana .....	29
2.2.2 As marcas da subjetividade daquele que enuncia .....	32
2.3 JAKOBSON E A ABORDAGEM LINGUÍSTICA DO SINTOMA DE LINGUAGEM.....	34
2.3.1 A importância da análise linguística nos casos de afasia .....	35
2.3.2 <i>Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia: o início de uma discussão linguística sobre a fala sintomática</i> .....	37
<b>3 DA METODOLÓGIA À ANÁLISE .....</b>	<b>41</b>
3.1 DOS FATOS ENUNCIATIVOS.....	41
3.2 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	42
3.3 POR UMA ANÁLISE QUE CONSIDERE A SINGULARIDADE DA FALA SINTOMÁTICA .....	43
3.4 O NORMAL E O PATOLÓGICO NA ANÁLISE .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>55</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Posso dizer que meu interesse pela clínica vem desde antes do ingresso no curso de Letras. Ou melhor, entrei no curso sabendo que me interessaria por tal tema pelo fato de que ele lembrava, direta ou indiretamente, minha breve passagem pelo curso de Engenharia. Quando ainda estava na Engenharia, me interessava pela aplicabilidade dos estudos na clínica, fato que me impulsionou a entrar no curso de Letras e buscar pesquisas que vinculassem a clínica à minha outra paixão: a Linguística. Além disso, também me interessava muito a forma sempre “peculiar” como as crianças enunciavam, como elas diziam tudo o que queriam dizer, da sua forma, do seu jeito.

No quinto semestre do curso de Letras, na disciplina de Estudo do Texto, conheci a professora Carmem Luci da Costa Silva e, vez ou outra quando era mencionada a pesquisa que ela realizava, comecei a me interessar pelo tema e fui conversar com ela. Expliquei que também me interessava pela linguagem da criança e que gostaria de conhecer um pouco mais as atividades que ela realizava na área. Fui convidada a fazer parte do grupo de pesquisa e, a partir desse momento, realizei essa imersão no incrível mundo da linguagem infantil permeada pela teoria enunciativa benvenistiana. Fui apresentada à Benveniste nesses encontros. Porém, ainda neste primeiro semestre de pesquisa, conversei com a professora Carmem sobre minha vontade de conhecer um pouco mais sobre as outras áreas que também se interessavam pela questão da aquisição e, não só isso: no semestre seguinte acabei me matriculando em uma disciplina de Psicolinguística, cuja área me parecia muito interessante. Incentivada pela professora a buscar tudo o que fosse do meu interesse, participei de algumas reuniões de outro grupo de pesquisa, porém, não senti a mesma afeição pela abordagem psicolinguística e voltei minha atenção ao grupo no qual já estava inserida.

No ano seguinte (em 2016/2) apresentei meu primeiro trabalho no Salão de Iniciação Científica. O trabalho abordou a questão do discurso relatado; como a criança recria acontecimentos enunciativos em seu discurso. Foi um trabalho bastante interessante que, inclusive, despertou meu interesse em seguir a pesquisa no trabalho de conclusão, para tratar de questões que acabaram sem respostas nesta primeira abordagem.

As férias chegaram e com elas comecei a pesquisar universidades em que eu poderia fazer mestrado, afinal de contas o último semestre da graduação se aproximava e eu precisava

me preocupar com essa questão também. Vi que a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) possui uma linha de pesquisa que estuda a linguagem pelo viés da Neurolinguística. Busquei materiais para compreender o que esse viés defendia, quais eram seus parâmetros e seus objetivos e acabei me deparando com uma área bastante fechada, que assim como a Psicolinguística, buscava uma padronização da linguagem. Ou seja, ou o indivíduo era portador de uma fala “normal” ou de uma fala “patológica”. Simplesmente não encontrei o “meio termo”, não encontrei nada que vislumbresse entender o sujeito sem enquadrá-lo em uma classificação. Neste instante, percebi que os estudos enunciativos sobre a aquisição da linguagem deixaram marcas permanentes em mim e que buscar outra área que não considerasse a questão primordial da singularidade do sujeito seria algo que eu não conseguiria fazer. A partir disso, compreendi que meu interesse estava relacionado à fala que não vai bem<sup>1</sup>, àquela fala que foge da “normalidade”, mas relacionando-a a questões que considerem a singularidade desse sujeito e dessa fala.

Foi então que comecei a buscar materiais para pensar minha pesquisa na pós-graduação. Li inúmeros artigos referentes à questão da fala sintomática e selecionei um tema mais geral para conversar com a professora Carmem. Eis que em nossa conversa ela diz que na pós essa questão não dizia respeito a ela, mas sim a dois colegas que trabalhavam diretamente com isso. Depois de pensar muito a respeito do que fazer, decidi que o melhor era sair da minha zona de conforto e iniciar, ainda no trabalho de conclusão, minha caminhada pelas desconhecidas terras da fala sintomática. Conversei com a professora Luiza Milano, a qual abraçou meu questionamento e apontou uma direção na qual eu poderia começar minhas buscas. E foi assim, depois de tantas dúvidas e de passeios por áreas afins, que me encontro no lugar onde estou e no qual nasceu este trabalho, fruto de uma inquietação.

Sendo assim, foi buscando responder sobre o lugar da singularidade do funcionamento da linguagem de falas sintomáticas que este trabalho tomou forma. Partindo da perspectiva de três linguistas (Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson) e das concepções de *normal* e *patológico*, este trabalho pretende responder as seguintes questões:

---

<sup>1</sup> Mesmo não tendo sido detalhadamente investigado neste trabalho, o instigante par “fala que vai bem/fala que não vai bem” será alvo de aprofundamento em nossa pesquisa futura.

- 1) Como o *valor linguístico* se imprime nas formas utilizadas pelo indivíduo que apresenta fala sintomática, considerando que o valor de um elemento é determinado por tudo aquilo que o precede/sucedo nos *eixos associativo* e *sintagmático*?
- 2) De que forma o *quadro figurativo da enunciação* permite que atestemos a singularidade dessas enunciações e que identifiquemos esses elementos (eu-tu-ele-aqui-agora) nelas?
- 3) Como a interpretação dos *polos metafórico* e *metonímico*, de Jakobson, permite que visualizemos a fala sintomática como única dentro de um sistema que comporte os *distúrbios de similaridade* e de *contiguidade*?
- 4) Partindo das concepções de *normal* e *patológico*, de que forma verificamos que esses conceitos não são o suficiente para abarcar a riqueza presente na fala sintomática, bem como para atestar a singularidade dessa fala?

A fim de responder estes questionamentos, este trabalho estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo realizamos uma reflexão sobre os termos *normal* e *patológico*, a fim de verificarmos qual a aplicabilidade e/ou limite dessas noções para nossas análises. No segundo capítulo verificamos nas teorias de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson elementos que permitam que pensemos a singularidade do funcionamento da linguagem. No terceiro capítulo, partimos para nossa metodologia de análise e para as análises em si, de dois fatos enunciativos retirados de Surreaux (2006), a fim de atestarmos como as noções tratadas pelos três linguistas constituem um arcabouço teórico interessante para uma análise linguística que vislumbre a fala sintomática. Por fim, apresentamos as considerações finais, resultantes de nossas análises e reflexões durante todo nosso percurso.

Desta forma, pretendemos com este trabalho traçar o início de uma caminhada em busca de respostas para este tema tão instigante que é a fala sintomática. Através do aporte teórico constituído pelos três linguistas e pela reflexão acerca das noções de *normal* e *patológico*, objetivamos construir uma análise em que não ocorra a estandardização em simples classificações dicotômicas, a fim de lançarmos um olhar mais atento àquele que enuncia e à sua fala.

## 1 O NORMAL E O PATOLÓGICO

O presente trabalho objetiva tratar da fala sintomática considerando a singularidade do sujeito e o funcionamento da linguagem, tendo em vista a herança deixada por Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Entretanto, vale revisitar algumas abordagens que fizeram com que este trabalho chegasse neste formato, considerando os estudos dos três linguistas citados.

Como já citado anteriormente, antes de decidir o embasamento teórico para este trabalho, duas outras perspectivas foram vistas e preteridas (mais por questão de identificação teórica do que por crítica mesmo), a ver:

- 1) Psicolinguística<sup>2</sup>: muito embora essa teoria tenha despertado meu interesse pela fala sintomática, ela pareceu não dar conta de toda a riqueza que essa questão representa para os estudos da linguagem, uma vez que ela se preocupe muito mais com o caráter classificatório dos desvios de fala do que com a análise singular do falante.
- 2) Neurolinguística<sup>3</sup>: como o próprio nome já diz, essa especialidade busca a união dos campos da Neurologia e da Linguística. Tal fato é extremamente interessante, no entanto, da mesma forma que a Psicolinguística, a Neurolinguística não deu conta da unicidade do sujeito e talvez o excesso de preocupação com o caráter classificatório dos desvios tenha sido o motivo de minha desistência do campo.

Ambas as abordagens preocupam-se em identificar o desvio e colocá-lo em uma espécie de caixa, para que seus parâmetros sejam estudados. A identificação de um desvio de linguagem é baseada em uma espécie de quadro classificatório, no qual constam todas as aquisições e os períodos em que elas devem ocorrer. Assim, todos os sujeitos portadores de desvios conseguem encontrar o seu devido “grupo” e ali são colocados, como se fossem todos iguais, como se não tivessem suas particularidades.

---

<sup>2</sup> De acordo com as minhas anotações da disciplina de Tópicos de Psicolinguística, cursada em 2015/2 e ministrada pela professora Maity Siqueira, a Psicolinguística é uma área de conhecimento multidisciplinar que faz uma interface entre a Linguística e a Psicologia; estuda a aquisição, o armazenamento, a produção e a compreensão da linguagem bem como os processos cognitivos que permitem a produção e a compreensão de uma língua.

<sup>3</sup> Bem como a Psicolinguística, a Neurolinguística também é uma área de conhecimento multidisciplinar que faz uma interface entre a Linguística e a Neurologia. Tal área tem como objetivo estudar a produção e a compreensão da linguagem, relacionando-as com os mecanismos do cérebro humano envolvidos nestes processos.

A partir desse ponto este trabalho começou a ganhar forma, uma vez que o principal questionamento que as duas perspectivas citadas não conseguiram responder, seria feito para os três linguistas apontados no início deste capítulo (Saussure, Benveniste e Jakobson): como se singulariza o sujeito com fala sintomática?

Porém, antes de iniciarmos a discussão sobre as contribuições de cada teórico para nosso questionamento, é necessário tratar de algo mais geral: o que significa *normal* e o que significa *patológico*? O que essas definições nos dizem? Sendo assim, trataremos das noções de *normal* e *patológico* nas seções seguintes.

### 1.1 O QUE SIGNIFICA “NORMAL” NA CLÍNICA?

Aresi (2009) tenta desfazer a distinção *normal/patológico* na linguagem através da análise de casos de fala sintomática, provando que essa diferenciação não é clara e que “a fala desviante (...) [representa] uma maneira muito singular de se “estar” na linguagem” (*op. cit.*, p. 41). Dessa forma, podemos dizer que a preocupação com o par *normal/patológico* não é uma novidade nos estudos linguísticos e que alguns autores (conforme veremos abaixo) já se preocuparam com essas noções.

Há, no entanto, um embate bastante forte relacionado aos termos *normal* e *patológico*, uma vez que não há um consenso do que seja *normal*, ou melhor, pensa-se que o *normal* é aquilo que parte de uma norma, de uma espécie de acordo entre os membros de uma sociedade e o *patológico* seria o desvio disso. Aresi (*op. cit.*) traz apontamentos de Canguilhem, principalmente a crítica em relação à concepção quantitativa do par *normal-patológico*, ou seja, “a diferença entre o normal e o patológico seria puramente relativa à intensidade maior ou menor de determinado fenômeno em relação a seu estado normal” (ARESÍ, 2009, p. 13).

Canguilhem (1990, p. 95, *apud* SURREAUX, 2006, p. 89) diz que para que compreendamos melhor a relação *normal/patológico* podemos partir da definição médica, que indica que o *normal* é “aquilo que está conforme a regra” (*op. cit.*) ou da definição filosófica, que aponta que o *normal* é “aquilo que não se inclina nem para a direita, nem para a esquerda, portanto o que se conserva num justo meio-termo” (*op. cit.*). De acordo com Surreaux (2006),

Canguilhem destaca que o processo de “normalização” origina-se na representação das exigências coletivas, sendo a normalidade assim referida a uma regra (...) estabelecida por determinada sociedade. Essa leitura torna o conceito de normalidade ao mesmo tempo polêmico e dinâmico, sem rigidez ou fixidez apriorística. A categoria de “normal” seria sempre indicadora daquilo que “está na média”, considerando-se uma dada sociedade e apresentando em si mesmo um juízo de valor, ao delimitar um padrão. (SURREAUX, 2006, p. 89)

Ou seja, como dito anteriormente, o conceito de normalidade está intimamente relacionado com um acordo pré-estabelecido por uma sociedade, acordo este que gerará “juízo de valor” por determinar o que é (ou não) padrão. Transpondo tal conceito para o campo da clínica de linguagem, podemos dizer que o *normal* é tudo aquilo que a sociedade encara como “correto” e o *patológico* seria a forma desviante da fala. No entanto, será que tal definição comporta, de fato, toda a riqueza e heterogeneidade da linguagem? Melhor dizendo, será que basta pensarmos, em relação à clínica de linguagem, que o *patológico* é relacionado a tudo aquilo que desvia da forma dita *normal*? Será que toda fala desviante é realmente *patológica*? Com essas interrogações, seguiremos para a próxima seção, na qual trataremos, brevemente, da noção de patologia na clínica.

## 1.2 O QUE SIGNIFICA “PATOLÓGICO” NA CLÍNICA?

Seguiremos iluminando nossa discussão com os apontamentos de Aresi (2009) e Surreaux (2006), a fim de compreendermos o que a clínica tem a nos dizer sobre o conceito de patologia.

Segundo Canguilhem, (1978, p. 54, *apud* ARESI, 2009, p. 14) “a saúde perfeita não passa de um conceito normativo, de um tipo ideal” logo, retomamos a discussão iniciada na seção anterior, na qual dizemos que o conceito de *normal* soa como um sinônimo de norma, de padrão pré-estabelecido. O *patológico* representaria o desvio dessa rota, dessa normalidade.

Porém, como também citamos anteriormente, o conceito de patologia parece não servir completamente ao nosso propósito e Surreaux (2006) diz que

O que está em jogo é buscar entender o porquê da insistência da noção de “erro”, ou

de “patológico”, quando se aborda aquilo que não está bem na fala de um sujeito. Com certeza, a influência do olhar médico na clínica de linguagem é muito grande, fazendo com que a tomada de um paciente em tratamento se dê pela via do patológico (em oposição ao “normal”). (SURREAUX, 2006, p. 88)

Dessa forma, vemos que se faz necessário buscar na clínica médica as noções de *normal* e de *patológico*, tendo em vista a influência que ela exerce sobre a clínica de linguagem, ainda que tenhamos algumas ressalvas quanto aos conceitos. Segundo a autora,

[Canguilhem] destaca que as representações da doença (na ordem médica) oscilam entre duas posições: a primeira, a ontológica, em que se busca a localização dos sintomas; a segunda, a totalizante, que generaliza o “estado” do homem nessa condição, não localizando a doença, mas considerando uma abordagem identificatória do paciente ao quadro patológico. O que chama a atenção é que nas duas formas de representação a diferenciação entre saúde e doença (ou normal e patológico) é que prevalece. (SURREAUX, 2006, p. 88)

Portanto, o *patológico*, para a clínica, representa o desvio, o afastamento do quadro de normalidade que parece ser constituído de certa arbitrariedade, uma vez que não sabemos à que se deve essa normalidade, quem a determinou assim. Se a normalidade é determinada por uma massa, fica nossa questão: com que base essa massa determina o que é *normal* ou não? Ou melhor, se existe o que foge da normalidade, por que isso não é considerado? Será que tudo que foge do *normal* é *patológico*? Como determinar esses limites? Parece que não temos respostas para esses questionamentos, mas é justamente esse o intuito do capítulo: causar estranhamento em relação a essas noções e a tudo que elas implicam. Veremos, na seção seguinte, as conclusões que tiramos dessa dicotomia *normal/patológico*.

### 1.3 A QUEDA DA OPOSIÇÃO ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO

Como observado nas seções anteriores, tratar dos conceitos de normalidade e patologia é uma tarefa bastante difícil. Vale destacar que esses conceitos parecem não satisfazer a clínica de linguagem e, segundo Aresi (2009), isso se deve ao fato de que “o estudo da fala desviante não pode ser desvinculado daquele que a produz e dela faz uso. Uma perspectiva como essa colocará irremediavelmente o distúrbio em destaque, em detrimento

até mesmo da fala em si.” (p. 16) Ou seja, quando tratamos da noção de patologia, tal qual indica a clínica, estamos excluindo o falante, uma vez que consideramos apenas o que falha, o desvio. Tal fato pode ser remetido também ao questionamento que a Psicolinguística e a Neurolinguística não conseguiram responder: e a singularidade do sujeito?

Outra questão também apontada por Aresi é que “é da natureza da língua a ocorrência de erros” (*op. cit.*), ou seja, é completamente normal a ocorrência desses equívocos e que “a própria língua dispõe de mecanismos linguísticos de reformulação da fala, tais como a paráfrase, a repetição, entre outros, para dar conta de tais equívocos” (*op. cit.*). Sendo assim, também remetemos ao questionamento da seção anterior, no qual perguntamos se tudo o que escapa da normalidade deve ser considerado *patológico*. Bem, se a própria língua dispõe de mecanismos para “dar conta desses equívocos” quer dizer que ela também comporta esses equívocos, caso contrário ficaríamos somente com o estranhamento causado pelo diferente.

Segundo Surreaux (2006),

A contribuição da obra de Canguilhem é determinante do questionamento do conceito de “patologia” no âmbito do trabalho clínico. A partir de suas reflexões, a possibilidade que se abre é a de pensar o “patológico” não mais como oposição à normalidade, estado “puro” em que se encontra o indivíduo sadio, mas como condição peculiar de um dado momento desse indivíduo. (SURREAUX, 2006, p. 89)

Desse modo, ao tratarmos de *normal* e *patológico*, não queremos opor os dois conceitos, apenas compreendê-los como estados distintos de um mesmo indivíduo. Vale enfatizar que não estamos negando a condição de sintoma da fala, apenas queremos propor uma “visão (...) da *linguagem* (...) que possibilite mostrar como o falante se singulariza na generalidade da patologia.” (ARESI, 2009, p. 17, grifos do autor)

Dessa forma, como já mencionado, decidimos buscar nas teorias de Saussure, Benveniste e Jakobson elementos que possibilitem a reflexão sobre a singularidade do funcionamento da linguagem desse sujeito portador de uma fala que não vai bem. Considerando isso, no próximo capítulo trataremos de alguns aspectos das três teorias, a fim de encontrarmos subsídios para pensar sobre a singularidade das manifestações de linguagem desse sujeito.

## 2 SAUSSURE, BENVENISTE E JAKOBSON: TEORIAS PARA SE PENSAR NA SINGULARIDADE DO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

Pensar a linguagem sintomática, como este trabalho se propõe, tendo em vista a singularidade do sujeito falante e do funcionamento da linguagem, requer refletir sobre a presença do sujeito falante nas diferentes teorias linguísticas. Neste capítulo, trataremos três linguistas (Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson), tendo em vista a relevância deles para a Linguística e, principalmente, para a Linguística que busca um olhar mais atento para aquilo que não vai bem na fala, para o sujeito com fala sintomática.

Começaremos trazendo as ideias daquele que é considerado o pai da Linguística: Saussure. Buscaremos no *Curso de Linguística Geral* (1970/2012)<sup>4</sup>, ou CLG, conceitos que permitam depreender a noção de falante para o autor, tentando desmistificar a ideia que se tinha (ou ainda tem) de que o linguista excluiu de sua teoria aquele que fala.

Em seguida, buscaremos nos *Problemas de Linguística Geral* (1966/2005; 1974/2006), ou PLG I/PLG II, o que Émile Benveniste fala sobre a subjetividade na linguagem que nos permite pensar sobre a singularidade na fala sintomática. Por fim, buscaremos na obra de Roman Jakobson pontos interessantes para nossa discussão, considerando que o linguista foi um dos primeiros estudiosos da área da Linguística a enfatizar a importância da análise de falas ditas desviantes (no caso, afasia).

### 2.1 A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Muito embora ainda se escute que Saussure excluiu de sua proposta a noção de sujeito (falante) sabe-se, por meio da análise de seus textos e do conjunto do CLG, que tal afirmação não passa de uma falácia. Tanto o é que já em um dos primeiros capítulos (mais precisamente no capítulo III da introdução do CLG), o mestre genebrino trata da cisão da *linguagem em língua e fala*, propondo que a *língua* represente o lado social da *linguagem* e a

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, as obras utilizadas receberão duas datas entre parênteses: a primeira, referente ao ano da publicação da obra no Brasil e a segunda ao ano da edição utilizada neste texto (quando for o caso).

*fala*, por sua vez, o lado individual. Ora, se a *fala* representa o lado individual, então estamos tratando do sujeito falante.

Considerando que Saussure, em momento algum, excluiu de sua tese a noção de falante e, também, considerando a importância do mestre genebrino em todo e qualquer estudo linguístico, pois como já disse Benveniste, “não há um só lingüista hoje que não lhe deva algo” (1966/2005, p. 34), devemos observar quais os conceitos, dentro de sua obra, possibilitam nossa reflexão sobre a singularidade do sujeito falante.

A tríade LINGUAGEM – LÍNGUA – FALA permeia o CLG. Para Saussure, a *linguagem* representa um todo heterogêneo que comporta as noções de *língua* e *fala*. *Língua* vem a ser a parte social, aquela que é compartilhada por todos os membros de uma dada sociedade, já a *fala* representa o lado individual, o “instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 42) para exercer a faculdade de articular palavras. Dessa forma, Saussure responde a questão sobre qual é o objeto da Linguística, indicando que a *língua* é a “parte” dessa tríade mais indicada para tal função, uma vez que ela comporte um elemento bem determinado no sistema e nada suscetível de mudança por um só indivíduo de uma comunidade, pois ela depende do conjunto, depende da massa. Essa constatação não mostra, em momento algum, que Saussure excluiu o falante de sua teoria, apenas aponta que seu foco, neste momento, está naquilo que é social.

Ainda no terceiro capítulo da introdução, Saussure apresenta o *circuito da fala* e nos mostra como se dá a comunicação entre os indivíduos. Começando pelo cérebro do falante até chegar ao ouvido do interlocutor, esse circuito é mais uma prova da importância do falante para Saussure, uma vez que podemos compreender, de fato, o lado individual da *linguagem* através do esquema proposto por ele.

Por fim, vê-se que o falante não foi excluído por Saussure de sua obra. O linguista, a todo instante, faz menção à relevância do sujeito, seja na conceituação da *linguagem* (*língua* + *fala*), seja no processo comunicativo e em todos os seus aspectos (como o *circuito da fala*). Sendo assim, podemos dizer que Saussure, além de todas as contribuições que trouxe para a Linguística, de forma geral, também é extremamente importante nos estudos que visem a análise da fala sintomática, considerando a singularidade de cada sujeito.

A seguir, pretendemos aprofundar os conceitos de *linguagem*, *língua* e *fala* a fim de encontrarmos suporte teórico para nosso estudo, um estudo que encare cada indivíduo como único, singular, dentro da sua condição de falante que apresenta fala sintomática.

### 2.1.1 Linguagem, língua e fala

Quando nos deparamos com um livro intitulado *Curso de linguística geral*, a primeira ideia que vem à cabeça é a de que ele tratará de “princípios básicos” dessa ciência. Saussure<sup>5</sup> não decepciona o leitor que busca o CLG com o objetivo de iniciar um mergulho no mundo da linguagem e prova disso é que já no terceiro capítulo da introdução vemos a preocupação do autor em determinar qual é “o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística (...)” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 39). Segundo o linguista é bastante intrigante o que ocorre com a Linguística, uma vez que as demais ciências lidam com objetos dados previamente seguidos de pontos de vista sobre eles e a ciência da linguagem não, pois como afirma o mestre genebrino, é “o ponto de vista que cria o objeto” (*op. cit.*). Uma palavra, por exemplo, suscita diferentes ideias nos indivíduos e não se pode dizer que uma ideia é superior à outra.

O linguista, então, nos diz que o objeto da Linguística é a *língua*, enquanto sistema. No entanto, quando tratamos da Linguística, logo pensamos na tríade LINGUAGEM - LÍNGUA - FALA e, por isso, é necessário explicitar o motivo que pelo qual a *língua* representa o objeto da Linguística, e não a *linguagem* ou a *fala*. Segundo o autor, a *linguagem* é multiforme e heteróclita, composta por “um lado individual e um lado social” (*op. cit.*, p. 40), sendo a *fala* o lado individual e a *língua* o lado social. Considerar então a *linguagem* como sendo o objeto da Linguística seria permitir que essa ciência se mostrasse um “aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si” (*op.cit.*). Por esse motivo, a *linguagem* não pode/não deve ser considerada o objeto da Linguística.

Sendo a *linguagem* composta por um lado social e outro individual, a *fala* se enquadra no lado individual e a *língua* no social. Esta representa, então, um “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social

---

<sup>5</sup> Vale destacar que o *Curso de Linguística Geral* é uma obra póstuma, publicada em 1916 (com o título *Cours de Linguistique Générale*), por dois discípulos de Saussure (Charles Bally e Albert Sechehaye).

para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (*op. cit.*, p. 41). Temos assim, a definição do objeto da Linguística, uma vez que a faculdade de articular *signos linguísticos* não se exerce sem o “instrumento criado e fornecido pela coletividade” (*op. cit.*, p. 42), instrumento esse que, como já sabemos, é a *língua*.

Para compreender o lugar da *língua*, Saussure nos apresenta o *circuito da fala*<sup>6</sup> e nos mostra como se dá a comunicação entre, pelo menos, dois indivíduos (A e B). Tudo começa no cérebro (indivíduo A), onde estão os fatos de consciência, compostos pelos conceitos e por suas respectivas representações dos *signos linguísticos* - ou imagens acústicas. Temos, então, o momento em que uma imagem acústica é suscitada por um conceito (representação do fenômeno psíquico). Stawinsky (2016), sobre a associação entre conceito e imagem acústica no cérebro do indivíduo A, diz que

A ideia de que a associação entre conceito e imagem acústica feita por A é um fenômeno psíquico particular faz-nos pensar na noção, discutida por Saussure, de “tesouro” da língua. Este conceito mostra que a língua não está completa no indivíduo, e que cada falante tem seu tesouro particular, ou seja, singular em toda a massa de falantes. Disso, podemos concluir que, quando o locutor produz uma associação entre significante e significado, esta associação é singular; ao chegar no interlocutor, este fará uma nova associação da *forma* escutada, e esta associação não é idêntica à que foi estabelecida pelo locutor. (STAWINSKY, 2016, p. 46, grifos da autora)

Após esse momento, o cérebro envia ao aparelho de fonação um impulso relacionado à imagem acústica (fenômeno fisiológico) e, através da boca, ocorre a propagação das ondas sonoras até o ouvido do outro indivíduo (fenômeno físico). No ouvinte (indivíduo B), a transmissão da imagem acústica até o cérebro representa o fenômeno fisiológico e, a associação dessa imagem ao seu respectivo conceito, o fenômeno psíquico. Se o ouvinte passar a falante, o circuito recomeça.

O *circuito da fala* permite que compreendamos o lado individual da *linguagem*, no entanto é “necessário sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o fato social” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 44) para que possamos entender o objeto da Linguística. Esse fato social é que faz com que os indivíduos de uma dada sociedade sejam capazes de associar, mais ou menos, os mesmos significantes aos mesmos conceitos (fato que

---

<sup>6</sup> Saussure traz a questão do *circuito da fala* no capítulo III – Objeto da Linguística – da introdução do CLG (p. 43)

Saussure chama de cristalização social). Explicamos o uso do “mais ou menos” pelas palavras de Stawinsky (2016):

O tesouro da língua, portanto, é singular em cada falante, e a soma de todos os tesouros corresponde ao fato social da língua. A partir dessa reflexão em associação com o esquema do circuito da fala, pode-se chegar à conclusão que a associação significante significado em *A* não é exatamente a mesma feita por *B*, apesar de falante e ouvinte serem indivíduos pertencentes à mesma massa social. Isso porque, além de o tesouro ser individual, nada garante que o efeito pretendido por *A* seja o efeito percebido por *B*. (STAWINSKI, 2016, p. 47, grifos da autora)

Vemos por Stawinski que Saussure tem muito mais a acrescentar na discussão sobre a fala sintomática do que pensamos, ou do que consta “aparentemente” em sua obra. Pensando na questão da singularidade do tesouro em cada falante, percebemos que a possível diferença nas associações entre significantes e significados já é o início de uma discussão sobre a fala que diverge daquilo que é tido como “*normal*” na linguagem. Além disso, a própria questão do efeito pretendido e efeito alcançado já mostra que tal ocorrência é mais comum do que imaginamos (o que contribui, de forma significativa, com nossa intenção de abalar a questão conceitual entre *normal* e *patológico*).

A partir da “ruptura” entre o lado social e o individual da *linguagem*, temos que “com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo, [...] o que é social do que é individual [...], o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 45). A classificação da *língua* como objeto da Linguística se deve por suas características, que são: 1. ser um “objeto bem definido no sistema heteróclito dos fatos da linguagem [...] exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (*op. cit.*, p. 46); 2. ser um “objeto que se pode estudar separadamente” (*op. cit.*); 3. ser homogênea e 4. ser concreta, uma vez que “os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro” (*op. cit.*).

Vê-se, então, que Saussure aborda a questão do objeto da Linguística sempre levando em consideração a tríade LINGUAGEM – LÍNGUA – FALA e explicitando, pouco a pouco,

os motivos que levam a *língua*, enquanto sistema, a ser a detentora dessa função dentro da ciência da linguagem.

Nosso próximo passo é revisitar a noção de *signo linguístico* no CLG e buscar o que o teórico nos apresenta sobre esse conceito tão importante e difundido na Linguística.

### 2.1.2 O signo linguístico

Saussure trata de princípios gerais de seus estudos, tais como a abordagem sobre o *signo linguístico*, algumas de suas características e a diferenciação entre linguística estática e linguística evolutiva. Para uma abordagem inicial, nosso foco se centrará no signo e nas suas características.

No capítulo I da primeira parte, o linguista começa a discussão trazendo a problemática em se reduzir a *língua* à nomenclatura (como muitas vezes acontece). Tal redução acarreta inúmeros problemas, dentre os quais podemos destacar a ideia de que “o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade.” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 106).

No capítulo III da introdução desse mesmo livro, o mestre genebrino, ao retratar o *circuito da fala*, nos mostra que as unidades que compõem o *signo linguístico* são psíquicas e estão unidas “em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (*op. cit.*). E nesse momento temos a primeira definição de *signo linguístico*, sendo uma entidade que “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (*op. cit.*), sendo que a imagem acústica não deve ser confundida com o som, pois ela é a impressão psíquica dele. Esse caráter psíquico pode ser observado quando não movemos lábios ou língua e, ainda assim, conseguimos recitar mentalmente um poema ou falarmos mentalmente conosco.

O “signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (*op. cit.*) e Saussure propõe que troquemos a nomenclatura “conceito” e “imagem acústica” por “significado” e “significante”, a fim de desfazer qualquer mal entendido que possa ser relacionado a esses nomes, uma vez que o signo pode ser encarado como a imagem acústica apenas, esquecendo-se que “se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o

conceito “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total” (*op. cit.*, p. 107, grifos do autor). Essa substituição de conceito por significado e imagem acústica por significante, conservando apenas signo como o representante do total, assinala “a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (*op. cit.*).

Sendo o *signo linguístico* definido como uma entidade que comporta significado e significante passamos, a seguir, às suas características, tão relevantes quanto sua definição.

### **2.1.3 Os princípios do signo linguístico: arbitrariedade, linearidade, mutabilidade e imutabilidade**

A primeira característica do *signo linguístico* é a da *arbitrariedade*. Todavia, vale ressaltar que o que é realmente arbitrário é “o laço que une o significado ao significante” (*op. cit.*, p. 108) e não se deve pensar que o significado é determinado livremente por quem fala, já que o que se quer dizer é que o “significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (*op. cit.*, p. 109). Ou seja, o *signo linguístico* é arbitrário e imotivado. Arbitrário em relação ao sistema (poderíamos relacionar quaisquer significantes a quaisquer significados) e imotivado com relação à realidade. Flores (2013) diz que “(...) a noção de arbitrariedade, no CLG, está vinculada à ideia de *imotivado*. Em outras palavras: o signo (...) é apresentado como *arbitrário* porque é *imotivado*, porque *não tem com o significado nenhum laço natural na realidade.*” (FLORES, 2013, p. 51, grifos do autor)

A segunda característica do signo está relacionada à impossibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, uma vez que os elementos dentro de um sistema linguístico se alinham, um após o outro, na cadeia da fala. Saussure chama isso de *caráter linear do significante*. Para expressar de forma mais didática o que estamos falando, podemos pensar que a *linearidade* dos significantes “aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos” (SAUSSURE, 1960/2012, p. 110). No entanto, podemos contestar tal princípio se pensarmos em alguns exemplos, como o caso dos traços distintivos nas línguas orais e da concomitância na língua de sinais. Em ambos os casos, a simultaneidade ocorre (nas línguas de sinais há

simultaneamente o sinal, o movimento, a localização e a expressão facial para que se dê a construção do dizer). Assim, na língua de sinais (e, poderíamos dizer, assim como também nas línguas orais) não ocorre somente a sucessividade como também a simultaneidade. Outro exemplo que podemos pensar está no texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* (1967/2010) de Roman Jakobson:

“‘Você disse *porco* ou *porto*?’”, perguntou o Gato. ‘Eu disse *porco*’, respondeu Alice.” Dentro desse enunciado específico, o destinatário felino se esforça por captar uma escolha linguística feita pelo remetente. No código comum do Gato e de Alice, em português corrente, a diferença entre uma oclusiva velar e uma oclusiva dental, mesmo se todo o restante for igual, pode modificar a significação da mensagem. Alice usou o traço distintivo “velar/dental”, rejeitando o segundo para escolher o primeiro dos dois termos opostos, e no mesmo ato de fala ela combinou essa solução com alguns outros traços simultâneos, pois /k/ é surdo por oposição a /g/ sonoro, e oclusivo por oposição a /r/ vibrante velar. Assim, todos esses atributos foram combinados em um feixe de traços distintivos que se chama fonema. O fonema /k/ é precedido e seguido pelos fonemas /p/, /o/, /r/ e /o/, que são, eles próprios, feixes de traços distintivos produzidos simultaneamente. (JAKOBSON, 1967/2010, p. 46 – 47, grifos do autor)

Percebe-se que Jakobson aponta a possibilidade de se pronunciar, simultaneamente, traços distintivos, o que contraria<sup>7</sup> a ideia de *linearidade* apontada por Saussure.

No capítulo seguinte, o linguista apresenta a *mutabilidade* e a *imutabilidade* do signo. A *imutabilidade* do signo está relacionada ao fato de que um indivíduo, ou mesmo a massa, “não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é” (SAUSSURE, 1970/2012, p. 111). Ou seja, a *imutabilidade* do signo refere-se ao fato de que “o signo linguístico escapa à nossa vontade” (*op. cit.*) e isso se relaciona com a ideia de que a *língua* é uma herança, não a imaginamos “de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores” (*op. cit.*) mas, ainda assim, seguimos sem uma explicação sobre a impossibilidade de se modificar a *língua*. Para compreender melhor tal fato é necessário observá-la em seu quadro social, é necessário observar que é pela tradição que a *língua* se mantém estável. Outra questão importante é que a *língua* não pode ser comparada às demais instituições sociais (como a instituição jurídica, a política, etc), uma vez que não são todos os indivíduos que se servem delas todo o tempo, ao passo que da *língua* todos se

<sup>7</sup> Cabe lembrar que Jakobson, apesar de sua filiação saussuriana, realiza uma crítica à abordagem da noção de simultaneidade e linearidade do mestre genebrino.

servem, constantemente. Sendo assim, modificá-la seria dificultar, ou até mesmo impossibilitar, a comunicação entre as pessoas.

Já a *mutabilidade* trata da possibilidade de “alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos” (*op. cit.*, p. 114-115). Ou seja, da mesma forma que o tempo “conserva” os signos, ele possibilita que haja um “deslocamento da relação entre o significado e o significante”. (*op. cit.*, p. 115) Pode-se pensar que então, qualquer *língua* sofre alterações, seja nos sons, seja nos significados. Tal mudança (ou evolução) é inevitável e sempre é possível comprová-la. Saussure ainda afirma que tal princípio é tão verdadeiro que se pode atesta-lo em línguas artificiais, uma vez que “quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (*op. cit.*, p. 117). A mudança na *língua* ocorrerá, então, em razão das forças sociais que, através do tempo, agirão sobre ela e farão com que os efeitos dessa combinação (tempo + massa social) apareçam de uma forma ou de outra.

O *signo linguístico*, então, é conhecido por ser a entidade que comporta significado (conceito) e o significante (imagem acústica). Esse elemento é reconhecido por sua *arbitrariedade* bem como pelo seu *caráter linear* e pelo aparentemente contraditório par *imutabilidade/mutabilidade*, que nos diz que ao mesmo tempo em que a *língua* não pode ser modificada, ou melhor, que a sua modificação acarretaria uma série de problemas relacionados à comunicação entre as pessoas, é impossível a existência de uma *língua* que não comporte mudanças ocasionadas pela ação do tempo e da massa social.

#### 2.1.4 O valor linguístico

Segundo Saussure (1970/2012), a *língua* é um “sistema de valores puros” (*op. cit.*, p. 158), considerando que estamos tratando, quando falamos em *língua*, do plano das ideias e do plano dos sons. Estudiosos concordam ao afirmar que “nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta” (*op. cit.*) e que sem os signos não conseguiríamos distinguir duas ideias. O pensamento é, então, comparado a uma nebulosa, na qual “nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua.” (*op. cit.*) Tanto ideias quanto sons representam uma “matéria

plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade” (*op. cit.*, p. 158-159), ou seja, podemos representar a *língua* como “uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas (...) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (...)” (*op. cit.*, p. 159). Sendo assim, podemos definir a *língua* como mediadora entre o pensamento e o som.

A partir dessa discussão, o linguista questiona a ideia que se tem do *valor linguístico*, ou melhor, a ideia que se tem de considerar que um termo é a simples união de um som com um conceito, uma vez que essa definição implica no seu isolamento do sistema e faz crer que se pode iniciar uma análise pelos termos até se chegar à construção do sistema, pela simples soma deles. Todavia, sabe-se que não se parte dos termos para chegar ao sistema, mas sim “cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (*op. cit.*, p. 160). Também vale ressaltar que “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (*op. cit.*), quer dizer, os *valores* só se constituem como *valores*, de fato, pela coletividade, uma vez que o *signo* funciona como uma espécie de acordo em uma dada sociedade; para que algo tenha *valor* é preciso que esteja dentro dos parâmetros desse acordo social.

Para melhor compreender a noção de *valor*, o autor parte para a análise das unidades. Segundo ele, “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários” (*op. cit.*, p. 161), logo, para determinar o *valor* de um termo, se faz necessária a presença de outros termos. Em uma rede de relações, com elementos que precedem e sucedem o elemento que desejamos determinar o *valor*, verifica-se que, por exemplo, um significante só é o que é, pois ele difere daquilo que o sucede, daquilo que o precede e daquilo que ele poderia ser, mas não é. Adiante apresentaremos melhor as noções de *relações associativas* e *relações sintagmáticas*, mas por enquanto podemos dizer que se quisermos determinar o *valor* de um elemento no *eixo sintagmático* ele será determinado por tudo que vem antes dele e por tudo que vem depois, além, é claro, de também ser determinado por tudo o que está no *eixo associativo* e com ele se relaciona. Atestamos que a presença de outros termos do sistema é realmente necessária, uma vez que ter *valor* significa “ser o que os outros não são” (*op. cit.*, p. 164).

Em síntese, em um dado sistema o que realmente interessa são as diferenças conceituais e fônicas existentes. Tais diferenças são estabelecidas por aquilo que existe em

volta dos *signos*. No entanto, para verificar essas diferenças se faz necessário compreender como funcionam as relações dentro do sistema linguístico. Assim, veremos a seguir, como essas *relações (associativas e sintagmáticas)* se estabelecem.

### 2.1.5 As relações associativas e sintagmáticas

Sabemos que as relações sintagmáticas e associativas são de suma importância para a verificação do *valor* do aspecto material da *língua*, ou seja, do significante (imagem acústica). Saussure aponta que, bem como os termos do sistema, os fonemas também tem seu *valor* determinado de maneira semelhante, ou seja, eles não se confundem entre si uma vez que o *valor* de cada um deles é determinado pela capacidade de ser o que os demais não são.

Em suma, em um dado sistema o que realmente interessa são as diferenças conceituais e fônicas existentes e essas diferenças só são estabelecidas por aquilo que existe em volta dos *signos*. No entanto, para verificar essas diferenças, é necessário compreender como funcionam as relações dentro do sistema linguístico.

De acordo com o mestre genebrino, “as relações e as diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valor” (*op. cit.*, p. 171). Essas esferas referem-se às *relações sintagmáticas* e *relações associativas*, assim denominadas por Saussure. As *relações sintagmáticas* levam em consideração o caráter linear da *língua*, ou seja, a impossibilidade de se pronunciar dois termos ao mesmo tempo. O alinhamento de termos é apoiado na extensão, tal como na cadeia da fala. Os sintagmas (como são chamadas as combinações de elementos) são compostos sempre de duas ou mais unidades consecutivas, sendo que o *valor* de um elemento, dentro do sintagma, só pode ser determinado pela oposição com aquilo que o precede, sucede ou, a ambos. Já as *relações associativas* representam os grupos de unidades que nosso cérebro é capaz de unir, por qualquer forma de associação.

Segundo Saussure, “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (*op. cit.*, p. 172, grifos do autor). No entanto, vale ressaltar que quando tratamos de sintagma não estamos nos referindo apenas às

palavras, “mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros da frase, frases inteiras)” (*op. cit.*). Sendo assim, não se deve considerar apenas o que une as partes de um sintagma entre si, mas também o que “liga o todo com as diversas partes” (*op. cit.*, p. 173). Considerando as *relações associativas*, também vale pensar que não são associados apenas elementos que apresentam algo em comum; nesse aspecto é permitido que se criem “tantas séries associativas quantas relações diversas existam” (*op. cit.*, p. 174). Logo, podemos associar palavras pelo radical, pelo sufixo, pelas imagens acústicas, e assim por diante, uma vez que “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (*op. cit.*, p. 175).

Verificamos, de forma breve, que para se determinar o *valor* de um dado elemento linguístico é necessário observar as relações que esse elemento estabelece com os demais, dentro do sistema. Considerando que tudo na *língua* se baseia, então, por essas relações, devemos entender como elas funcionam, quais parâmetros elas seguem. As *relações sintagmáticas* e *associativas*, então, são necessárias para que se compreenda de que forma os *valores linguísticos* são estabelecidos.

Dessa maneira, atestamos que além de Saussure ser um linguista a qual todos os outros “devem” algo, ele também é de suma importância quando se deseja pensar no sujeito e na fala sintomática. O desenvolvimento de conceitos como *linguagem*, *língua* e *fala*, bem como o *circuito da fala* são relevantes quando se quer pensar no sujeito falante e no lugar dele na língua. Se, como disse Stawinski (2016), “nada garante que o efeito pretendido por *A* seja o efeito percebido por *B*” (p. 47), então vemos na teoria saussuriana uma brecha para se pensar sobre os efeitos da escuta da fala sintomática relacionados à linguagem, uma vez que tal colocação explique desde dificuldades de compreensão até mesmo dificuldades de produção dos sujeitos que representem um caso clínico de fala sintomática.

Considerando nossa discussão, apresentaremos a seguir alguns conceitos do mestre da Linguística da Enunciação, Émile Benveniste, relevantes para nosso estudo.

## 2.2 BENVENISTE E A SUBJETIVIDADE DAQUELE QUE ENUNCIA

Benveniste possui destaque por seu estudo centrado no sujeito falante. No entanto, ainda que muito já se tenha dito sobre a importância do linguista, vale ressaltar aqui as contribuições dele para a constituição deste estudo que visa a observância da singularidade do funcionamento da linguagem de falas sintomáticas. Flores e Teixeira (2005/2012) abordam a questão da importância de Benveniste nos estudos enunciativos, ainda que existam outros linguistas que também se dedicaram a essa teoria.

O leitor deverá perceber (...) certa desproporção quanto à ênfase dada a Émile Benveniste em relação aos demais autores da linguística da enunciação. Isso se deve a um motivo: ele é considerado o linguista da enunciação e consequentemente o principal representante do que se convencionou chamar de teoria da enunciação. Não se trata aqui de estabelecer hierarquias, mas de reconhecer uma filiação epistemológica. (FLORES;TEIXEIRA, 2005/2012, p. 29)

Ou seja, não pretendemos excluir os demais estudiosos da Enunciação, apenas decidimos focar nossa atenção no linguista que, dentre todos, recebe maior destaque e principalmente trabalha de forma exaustiva a noção de enunciação e a noção daquele que enuncia (e a sua singularidade), pontos de extrema relevância para este trabalho.

A seguir, analisaremos a partir do capítulo *Da subjetividade na linguagem* (PLG I, 1966/2005), a noção de singularidade da linguagem, questão principal em nosso trabalho.

### 2.2.1 A singularidade da linguagem na obra benvenistiana

Em *Da subjetividade na linguagem* (1966/2005), Benveniste traz a questão da problemática em considerar a linguagem como um instrumento de comunicação. Essa confusão é comum uma vez que “os homens não encontram um meio melhor nem mesmo tão eficaz para comunicar-se” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 284). No entanto, encarar a linguagem como um instrumento seria considerá-la um elemento “criado” pelos homens, bem como ferramentas e armas. Tal ideia é combatida por ele, que diz que a linguagem “está na

natureza do homem, que não a fabricou” (*op. cit.*, p. 285), uma vez que não encontraremos um homem separado da linguagem, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.” (*op. cit.*)

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (*op. cit.*, p. 286) e é justamente essa capacidade de propor-se como sujeito que Benveniste chama de *subjetividade* e acrescenta: “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (*op. cit.*). Ou seja, para que exista linguagem é necessário que haja um locutor que se proponha como sujeito e se identifique como *eu* em seu discurso, através do estabelecimento de um *tu*. *Eu* e *tu* são reversíveis, portanto podem alterar suas posições – *eu* pode virar o *tu* da alocação daquele a quem chama de *tu* -, mas não são simétricos, pois sempre ocupam posições distintas. Ainda nessa condição de assimetria, *eu* e *tu* dependem, um do outro, para existir. O teórico defende que “é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (*op. cit.*, p. 287), logo não podemos pensar em *subjetividade* separada da relação entre *eu* e *tu*.

Seguindo a discussão, o linguista afirma que a linguagem está sempre marcada pela “expressão da subjetividade” (*op. cit.*) e diz que as noções de *eu* e *tu*, por exemplo, são formas linguísticas que indicam a noção de pessoa e que não há língua sem expressão de pessoa. O autor traz o exemplo das sociedades orientais que “exigem” o uso de formas específicas entre certos grupos sociais, ao invés do tratamento direto das pessoas. Ainda que não se refiram, diretamente, a um *tu*, esses indivíduos acabam marcando essa noção pela maneira implícita como utilizam as formas de tratamento. Benveniste enfatiza também que não existe uma noção de *eu* que represente um dado indivíduo, uma vez que “eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual.” (*op. cit.*, p. 288). Ou seja, *eu* é único e se refere a um momento especial: o momento em que o locutor se propõe como *eu* em seu discurso.

A partir desse momento Benveniste diz que os pronomes pessoais representam o ponto inicial da discussão sobre a *subjetividade*. Quando o locutor se propõe como *eu* no discurso vemos que as demais categorias, como os demonstrativos, advérbios e adjetivos giram em torno desse *eu*. Logo, as relações temporais e espaciais dependem do sujeito. Ainda

em relação à temporalidade, o linguista afirma que a marcação de tempo sempre exige uma referência e essa referência é estabelecida pelo sujeito, no momento em que ele enuncia. A referência temporal, para o teórico, é constituída a partir do presente da enunciação e esse presente é atualizado a cada enunciação, uma vez que “a marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso. [...] Não há outro critério nem outra expressão para indicar “o tempo em que se está” senão toma-lo como “o tempo em que se fala”.” (*op. cit.*, p. 289)

A linguagem é entendida, então, como “possibilidade da subjetividade” (*op. cit.*), uma vez que ela contém as formas linguísticas que permitem a expressão dessa *subjetividade*. Já o discurso propõe a emergência dela, pois possui todas as formas (pronomes, advérbios, etc) que constituem a noção de sujeito e, a noção de sujeito, constitui a *subjetividade* já que é através da apropriação de formas que é possibilitado a ele designar-se como *eu* e estabelecer um *tu*. Vemos assim que as noções de pessoa são de suma importância para a determinação da *subjetividade*.

Ao final do capítulo, Benveniste ainda traz as noções de pessoa e também trata da não-pessoa, o *ele*. Segundo o autor, o *ele* representa aquilo de que se fala e é determinado pelo *eu*. Sendo assim, só existe a não-pessoa pela pessoa, logo *ele* também é um indicador da *subjetividade* daquele que enuncia.

Vimos que Benveniste nos apresenta o conceito de *subjetividade*, como sendo a capacidade que o locutor possui de se propor como sujeito da enunciação, ou seja, ela emerge no discurso no momento em que o locutor se apropria das formas existentes na língua (como veremos de forma mais detalhada ao falarmos do texto *A natureza dos pronomes*) a fim de se marcar como o *eu* da enunciação. De acordo com Benveniste,

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. (...) A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 289)

O linguista enfatiza a importância do discurso e da linguagem nos estudos da *subjetividade*, uma vez que a língua é detentora das formas necessárias ao locutor para que, através do discurso, ele possa se estabelecer como sujeito da enunciação. Agora, veremos

através da análise do capítulo *A natureza dos pronomes* (1966/2005) os marcadores da *subjetividade* do enunciador.

### 2.2.2 As marcas da subjetividade daquele que enuncia

Benveniste, no texto *A natureza dos pronomes* (1956/2005), discute sobre formas linguísticas como os pronomes, as quais se refere como “espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (BENVENISTE, 1956/2005, p. 277) e que dependem da atualização da língua pelo locutor.

O teórico começa a discussão trazendo a problemática da classificação dos pronomes pessoais como sendo os que contêm a noção de pessoa, uma vez que a noção de pessoa é própria de *eu* e *tu* e falta em *ele*. *Eu* é definido como um signo móvel, uma vez que cada falante o emprega em seu uso, ou seja, não há um objeto que possa ser definido como *eu*, já que “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal.” (*op. cit.*, p. 278, grifos do autor). Como cada *eu* tem sua referência própria e depende de cada ato enunciativo, *tu* também depende de cada ato, uma vez que ele é definido pelo *eu* da enunciação. Logo, *eu* e *tu* dependem da “realidade do discurso” (*op. cit.*), dependem da alocação. Podemos definir *eu* e *tu* da seguinte forma: “*eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”” e “*tu* [...] o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*”.” (*op. cit.*, p. 279, grifos do autor)

A *eu* e *tu* podemos relacionar outras classes de palavras, como os pronomes demonstrativos, advérbios (locuções adverbiais) e etc. Os demonstrativos dependem da instância de discurso em que são utilizados, bem como os advérbios e locuções adverbiais (aqui, agora, amanhã, em três dias, etc). Ou seja, “não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *dêixis*<sup>8</sup>, como se costuma fazer, se não se acrescenta que a *dêixis*

---

<sup>8</sup> Estamos utilizando a definição de “dêixis” presente no *Dicionário de linguística da enunciação* (FLORES et al, 2009): “mecanismo que relaciona a indicação de um objeto através de uma palavra à instância de discurso que a contém.” (p. 77) Para compreender melhor, pode-se pesquisar o significado de “signo vazio”, sugerido no verbete “dêitico”, do mesmo material: “signo cuja referência é a situação a cada vez única da enunciação, que se torna pleno assim que um locutor o assume em cada instância do seu discurso.” (*op. cit.*, p. 214). Em síntese, estamos considerando a *dêixis* como um elemento cuja referência depende da instância do discurso na qual é proferida.

é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa.” (*op. cit.*, p. 279 – 280, grifos do autor). Vemos assim as noções de tempo, espaço e pessoa como dependentes da instância de discurso em que são referidas.

Na linguagem, como é possível ver, encontram-se signos vazios (indicadores de tempo, espaço e pessoa) que só tornam-se plenos na instância de discurso que os contém. Tais signos ajudam a resolver o problema da “comunicação intersubjetiva” (*op. cit.*, p. 280), uma vez que, se cada locutor tivesse que usar um determinado signo para referir-se a si mesmo, teríamos “tantas línguas quantos indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível” (*op. cit.*, p. 281). Sendo assim, o signo móvel *eu* serve para que o locutor re-edite sua relação com a língua toda através da atualização desse signo na instância de discurso em que ele será referido e estabeleça o seu *tu*. Considerando isso, vemos a crítica de Benveniste com relação à classificação do *ele* como pessoa, uma vez que ele pode se referir não só a pessoas, mas também objetos, animais, etc. Poderíamos então classificar a terceira pessoa como tudo aquilo que não é pessoa do discurso.

Vemos uma interdependência dos dois textos: em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste traz a questão: o que é a *subjetividade*? E nos mostra como ela emerge, quais são os elementos necessários à sua existência. Já em *A natureza dos pronomes*, o autor traz uma discussão que vai muito além da simples problemática na classificação dos pronomes pessoais: ele nos mostra que não só os pronomes, mas também outras classes de palavras (que atestam a *subjetividade* tratada pelo autor em *Da subjetividade na linguagem*) dependem da instância do discurso no qual são realizados. Ou seja, abordar a simples classificação das palavras não é o suficiente para determinar algo a respeito delas, é preciso reconhecer a importância do ato enunciativo que as contém.

É importante ressaltar que as marcas da subjetividade indicadas por Benveniste constituem as noções de tempo/espaço/pessoa, noções essas que compõem o *quadro figurativo da enunciação*. Benveniste trata do *quadro figurativo da enunciação* no PLG II, em *O aparelho formal da enunciação* (1974/2006). Não tratamos diretamente deste texto, mas as noções que o PLG I, em *Da subjetividade na linguagem* e *A natureza dos pronomes* (1966/2005) aborda, permitem que façamos esse deslocamento. A partir desses dois textos podemos concluir que as noções de tempo/espaço/pessoa dependem da instância de discurso na qual são referidas (e o *ele* também), logo já vemos instaurado o princípio do *quadro figurativo*, ainda que ele só apareça no texto do PLG II.

Assim, percebe-se que a teoria enunciativa de Benveniste é permeada pela noção de *subjetividade* na linguagem e, conseqüentemente, pela noção de locutor. Muito embora não tenhamos dito isto aqui, é importante destacarmos a filiação saussuriana de Benveniste, mais um motivo pelo qual elencamos o mestre genebrino em nossa trajetória em busca da singularidade do sujeito com fala sintomática.

Dando mais um passo em nosso trajeto, partiremos agora para os estudos realizados pelo linguista Roman Jakobson, reconhecido por ser um dos primeiros a preocupar-se com a questão da importância da análise linguística nos casos de fala sintomática, por ser um dos primeiros estudiosos a tentar relacionar linguística e clínica de linguagem.

### 2.3 JAKOBSON E A ABORDAGEM LINGUÍSTICA DO SINTOMA DE LINGUAGEM

Roman Jakobson, pensador russo, “foi o primeiro linguista a sistematizar, de um ponto de vista linguístico, o sintoma em seus artigos sobre as afasias. Soma-se a isso, a reflexão que faz sobre o funcionamento da linguagem a partir da fala sintomática.” (SURREAUX, 2006, p. 19). Sendo assim, é bastante improvável pensar em um trabalho que almeje tratar de fala sintomática a partir de uma perspectiva linguística sem pensar em Jakobson e em toda a sua contribuição para a área.

Em *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* (1967/2010), o autor trata da importância da análise linguística para os estudos da fala sintomática. De acordo com Surreaux (2006), “Jakobson (...) não olha especificamente para o sintoma ou para, no caso, o quadro afásico em si. Seu olhar é dirigido ao funcionamento da linguagem e não à patologia.” (*op. cit.*, p. 49). Tal aspecto já aponta que o linguista não está preocupado em classificar os afásicos como se fossem seres igualmente afetados pelo episódio neurológico, uma vez que seu objetivo é verificar o que, na linguagem, deixa de funcionar nesses casos. Além disso, percebe-se que o autor destaca que a limitação de um dos polos da linguagem é acompanhada pela tendência a outro, conforme veremos a seguir. Acreditamos que esse apontamento auxilia consideravelmente na tarefa de investigar a fala sintomática pelo viés da singularidade do funcionamento da linguagem (e não pelo contraste entre *normal* e *patológico*, como apontado no capítulo 1).

Considerando que Jakobson foi o primeiro linguista a se preocupar com a importância da união entre os campos da Linguística e com a “linguagem em dissolução”<sup>9</sup>, veremos, a seguir, o relação que o autor faz entre a afasia e a ciência da linguagem.

### 2.3.1 A importância da análise linguística nos casos de afasia

*Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* (1967/2010), de Roman Jakobson, é o texto que “inaugura” a importância da análise das falas sintomáticas para o autor. Na primeira parte, o autor aborda de forma rápida a importância de envolver a Linguística nos estudos do sintoma de linguagem; na segunda, fala dos dois aspectos da linguagem e, na terceira e quarta, trata da questão dos *distúrbios de similaridade* e *contiguidade* para, então, na quinta parte utilizar a reflexão que faz sobre as afasias para pensar o funcionamento da linguagem em geral, encerrando assim a sua discussão.

Como já mencionado, na primeira parte do texto Jakobson apresenta a ideia de que se a afasia é classificada como uma “perturbação da linguagem” (*op. cit.*, p. 42) então, sua análise deve apontar quais são os aspectos da linguagem que são deturpados nessa desordem e, para isso, os linguistas devem se envolver nessa discussão. O linguista ainda menciona que “a Linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – linguagem em ato, em evolução, em estado nascente, em dissolução” (*op. cit.*), ou seja, é próprio da Linguística preocupar-se com a linguagem na sua totalidade, não apenas com a linguagem dita normal como também com a linguagem sintomática.

Segundo o linguista, a afasia pode ser considerada um espelho da aquisição da linguagem pelas crianças, uma vez que “ela mostra o desenvolvimento da criança ao inverso” (*op. cit.*, p. 43), ou seja, além de ser de extrema importância o envolvimento da Linguística na análise de casos afásicos, essas análises podem ser enriquecedoras tanto para um, quanto para o outro campo. Ainda nessa mesma parte do texto, Jakobson aponta que a “culpa” pela falta de envolvimento linguístico nas análises de falas sintomáticas não se deve somente à falta de oportunidade, ou falta de procura dos profissionais que trabalham diretamente com a clínica: é

---

<sup>9</sup> Expressão que o próprio Jakobson utilizou no artigo sobre as afasias (p. 42)

culpa também dos linguistas que não se empenham nos casos de clínica da linguagem da mesma forma que se empenham na análise da fala comum. De acordo com o autor,

Os linguistas têm sua parte de responsabilidade no atraso em empreender uma pesquisa conjunta sobre afasia. Nada de comparável às minuciosas observações linguísticas feitas em crianças de diferentes países foi realizado no que concerne aos afásicos. Tampouco houve qualquer tentativa de reinterpretar e sistematizar, do ponto de vista da linguística, os múltiplos dados clínicos referentes aos diversos tipos de afasias. (JAKOBSON, 1967/2010, p. 44)

E segue falando da importância da relação entre a ciência da linguagem e a clínica, considerando os deveres daquela para com esta:

A aplicação de critérios puramente linguísticos à interpretação e classificação dos fatos da afasia pode contribuir, de modo substancial, para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem, desde que os linguistas procedam com o mesmo cuidado e precaução ao examinar os dados psicológicos e neurológicos, como quando tratam de seu domínio habitual. (JAKOBSON, 1967/2010, p. 44)

Sendo a afasia relativa à linguagem, ela interessa à ciência da linguagem, já que a Linguística preocupa-se com todas as formas de manifestação da linguagem. A análise linguística dos casos de afásicos, assim, tende a aprimorar o campo, uma vez que os dados sejam ricos em possibilidades de interpretação, análise e comparação. Ou seja, a união entre a Linguística e as demais ciências que tratam da linguagem sintomática é benéfica tanto para um, quanto para o outro lado.

A seguir, continuaremos nossa análise do texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* para compreender de que forma aconteceu essa aproximação da Linguística com a clínica de linguagem.

### 2.3.2 *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia: o início de uma discussão linguística sobre a fala sintomática*

Anteriormente, tratamos da primeira parte do texto de Jakobson, considerando as questões que o autor traz referentes à importância da análise linguística na clínica de linguagem. Agora partiremos para a análise do texto em si, buscando os principais pontos de comunicação entre a clínica e a Linguística.

Na segunda parte do texto, o linguista traz a questão do duplo caráter da linguagem. Ele começa a discussão trazendo a ideia de que a fala implica a “seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade” (*op. cit.*, p. 46). Tal fato se reflete na seleção das palavras que serão combinadas em frases e, posteriormente, em enunciados. Os falantes não podem fazer essas escolhas de combinações de forma totalmente livre, uma vez que seja necessário que falante e destinatário partilhem dos elementos contidos na mensagem, já que “para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes” (*op. cit.*).

Seguindo a discussão, Jakobson mostra que todo signo linguístico possui dois modos de arranjo, que são: a combinação e a seleção. A combinação se refere ao fato de que todo signo é composto por outros signos e/ou aparece combinado com outros signos, ou seja, todo signo é contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu contexto em alguma outra unidade mais complexa (combinação e contextura). Já a seleção implica o fato de que podemos substituir um termo por outro, dentro de um sistema (seleção e substituição). De acordo com a teoria saussuriana, pode-se dizer que a combinação ““aparece *in praesentia*: baseia-se em dois ou vários termos igualmente presentes dentro de uma série efetiva”.” (*op. cit.*, p. 50, grifos do autor) Já a seleção

“une os termos *in absentia* como membros de uma série mnemônica virtual.” (...) a seleção (...) concerne às entidades associadas no código mas não na mensagem dada, ao passo que, no caso de combinação, as entidades estão associadas em ambos ou somente na mensagem efetiva. (JAKOBSON, 1963/2010, p. 50, grifos do autor)

Para que a comunicação se estabeleça, segundo o linguista, é necessário que haja contiguidade entre o falante e ouvinte, ou seja, é preciso que ambos compartilhem os mesmos símbolos utilizados, para que a mensagem do locutor seja compreendida pelo seu interlocutor.

No item seguinte, Jakobson traz a importância de se compreender qual das operações de fala (combinação ou seleção) é afetada em cada um dos casos de afasia, uma vez que a análise e a descrição dela(s) dependam dessa característica. Segundo o autor, existem dois tipos de afasia: uma se concentra na seleção e substituição e a outra na combinação e contextura. Para os afásicos do primeiro grupo (seleção e substituição – *distúrbio de similaridade*) o contexto é de extrema importância, uma vez que ele consiga completar, perfeitamente, frases e palavras, mas tenha dificuldade em iniciar um diálogo. De acordo com Jakobson, o afásico do primeiro grupo “sente-se incapaz de emitir uma frase que não responda ou a uma réplica de um interlocutor ou a uma situação efetivamente presente” (*op. cit.*, p. 53), por isso, “quanto mais uma palavra depender de outras da mesma frase e quanto mais se relacionar com o contexto sintático, menos afetada será pelo distúrbio da fala” (*op. cit.*). Sendo assim, palavras como advérbios, conectivos e auxiliares tendem a sobreviver nesses casos de afasia, já as palavras soltas não representam nada ou, como o próprio autor diz, não significam “mais que simples tagarelice” (*op. cit.*, p. 55), o que dificulta, inclusive, atividades em que o observador pede que o paciente repita uma determinada palavra, ou nomeie um objeto indicado por ele.

No quarto tópico, Jakobson trata do *distúrbio de contiguidade*, que representa “a deterioração da capacidade de construir proposições ou, em termos mais gerais, de combinar entidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas” (*op. cit.*, p. 63). Ocorre nesse caso de afasia, o que se chama “agramatismo” e, com isso, as palavras que sobreviviam no distúrbio anterior agora passam a não sobreviver mais, já que a função de contexto é totalmente abalada nos pacientes desse caso e isso “tende a reduzir o discurso a pueris enunciados de frases, e até mesmo a frases de uma só palavra. Apenas algumas frases mais longas, estereotipadas, “feitas”, conseguem sobreviver” (*op. cit.*, p. 64) e, em casos mais graves, nem essas frases sobrevivem, fazendo com que o enunciado seja reduzido “a uma frase de uma só palavra” (*op. cit.*).

Em muitos casos deste tipo de afasia, o paciente mantém a palavra como a “única realidade linguística preservada” (*op. cit.*, p. 67), ou seja, ele não consegue distinguir vogais, consoantes, tampouco “decompor a palavra em seus elementos fonológicos” (*op. cit.*, p. 68).

Isso faz com que os fonemas e suas possibilidades de combinações sejam afetados, gradativamente, lembrando, de forma inversa, “a ordem das aquisições fonológicas da criança” (*op. cit.*). Essa complicação pode ser acentuada, levando o paciente a ter seus “enunciados reduzidos a uma só frase, uma só palavra, um só fonema” (*op. cit.*), recaindo nos primeiros estágios linguísticos ou até mesmo pré-linguísticos de uma criança.

No quinto e último tópico do texto, Jakobson mostra que nos dois tipos de afasia citados anteriormente, ou o *polo metafórico* é afetado, ou o *metonímico*. No *distúrbio de similaridade*, o *polo metafórico* é afetado; já no *distúrbio de contiguidade*, o polo que é afetado é o *metonímico*. Ou seja, quando o indivíduo encontra problemas no *polo metafórico*, ele busca uma saída através do *polo metonímico* e vice-versa.

Em condições tidas como “normais” na fala, os indivíduos usam tanto um quanto outro polo. Os processos metafóricos e metonímicos “estão constantemente em ação” (*op. cit.*, p. 70), ainda que uma análise mais atenta mostre que os indivíduos podem utilizar mais um determinado polo do que o outro, por simples questão de estilo. No entanto, como já mencionado, ambos encontram-se disponíveis para o acesso do falante e para que ele os coloque em ação. Para exemplificar a “predileção” de um polo por outro, o linguista traz exemplos distintos: da literatura, das tradições orais, das artes (pintura, cinema) entre outros. No caso de um afásico, a deturpação de um desses polos pode estar relacionada com a “predominância do mesmo polo em certos estilos, hábitos pessoais, modas correntes etc” (*op. cit.*, p. 73), ou seja, a discussão sobre a afasia “revela-se de uma significação e de um alcance primordiais para a compreensão do comportamento verbal e do comportamento humano em geral” (*op. cit.*).

Como se pode observar, Roman Jakobson aproxima a fala sintomática e a Linguística. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* podem ser considerados um tratado sobre a importância do olhar linguístico sobre as análises em clínica de linguagem. Estudar os distúrbios de linguagem sem o aporte teórico sobre a linguagem representa uma tarefa bastante difícil, diria que até incompleta para Jakobson. Segundo o autor, é necessário que se estude a linguagem tida como *normal* para que se possa teorizar sobre aquilo que não vai bem nela, como nos casos de afasia em que o linguista analisa a questão dos *polos metonímicos* e *metafóricos*. A fala desviante representa um grande desafio, tanto para fonoaudiólogos, quanto para linguistas e a construção de uma base teórica bastante sólida para

a análise dela é tarefa de todo e qualquer profissional que trabalhe com a linguagem, em qualquer aspecto.

Agora que já estabelecemos as bases de nosso aporte teórico, partiremos para a análise de casos de falas sintomáticas, a fim de tentar estabelecer as relações necessárias que atestem a singularidade do sujeito falante, a singularidade do sujeito que enuncia de forma especial, sempre singular.

### 3 DA METODOLÓGIA À ANÁLISE

Neste capítulo apresentaremos ao leitor os fatos enunciativos<sup>10</sup> utilizados em nossas análises, bem como os procedimentos para realiza-las. Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é a verificação da singularidade da fala sintomática, apresentaremos ao nosso interlocutor a análise, à luz dos três linguistas selecionados para este fim (Saussure, Benveniste e Jakobson), para mostrar que essa fala é única e determina “uma maneira muito singular de se “estar” na linguagem.” (ARESI, 2009, p. 41)

#### 3.1 DOS FATOS ENUNCIATIVOS

O *corpus* que será analisado neste trabalho é constituído por dois fatos enunciativos extraídos de Surreaux (2006). De acordo com a autora, tratam-se de cenas de um menino encaminhado para tratamento pela escola, em função de algumas trocas de fonemas na fala e de ecolalia<sup>11</sup>. De acordo com os dados presentes em Surreaux (*op. cit.*), o menino não utilizava a forma “eu” para se referir a si próprio e quando deseja fazer isso, utilizava a forma “tu” ou até mesmo o próprio nome.

A seleção dos fatos enunciativos ocorreu durante a leitura dos materiais utilizados na elaboração deste trabalho, considerando que estávamos buscando fatos que demonstrassem a singularidade da fala sintomática, singularidade essa que não caberia em uma classificação pura e simples de standardização como *normal* ou *patológica*.

---

<sup>10</sup> Justificamos a escolha do termo “fato enunciativo” através de Perroni (1996), que nos diz que o pesquisador jamais trata dos dados brutos, uma vez que a teoria à qual ele se filia e o tipo de questionamento que ele deseja responder com sua pesquisa já altera o dado para um recorte. Dessa maneira, utilizamos o termo “fato” ao invés do termo “dado”, pois sabemos que ele tem sido modificado desde sua transcrição até suas análises.

<sup>11</sup> Consideramos a ecolalia como a “fala que “faz eco”, isto é, que *repete* a fala do outro, tal qual uma “fala de papagaio”.” (ARESI, 2009, p. 37)

### 3.2 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os fatos enunciativos analisados serão considerados a partir da teoria que cada um dos linguistas selecionados neste trabalho (Saussure, Benveniste e Jakobson) postulou. Serão consideradas as noções de *valor linguístico* e *eixo associativo e sintagmático*, de Saussure; o *quadro figurativo da enunciação* (eu-tu-ele-aqui-agora), de Benveniste, configurado pelas noções mencionadas em 2.2.1 e em 2.2.2 (aquele que enuncia, o alocutário, aquilo do que se fala e o tempo e espaço da enunciação) e os *polos metafóricos* e *metonímicos* de Jakobson. Dessa forma, pretendemos analisar de que forma a Linguística pode ajudar a perceber os elementos que tornam a fala, nesse caso sintomática, singular.

A seguir, trazemos uma tabela com as convenções utilizadas na transcrição dos fatos enunciativos.

(.)	Um ponto entre parênteses indica que há uma pausa curta intra ou interturnos
(...)	Três pontos entre parênteses indicam que há uma pausa longa intra ou interturnos
()	Parênteses vazios indicam que o transcritor foi incapaz de transcrever o que foi dito – segmento incompreensível
(( ))	Parênteses duplos indicam comentários do transcritor

Tabela 1 – Convenções utilizadas na transcrição dos fatos enunciativos

A fim de auxiliar nossas análises, elaboramos questões norteadoras para esse processo. Considerando que toda fala é singular e que os elementos presentes nela são determinantes dessa singularidade, pretendemos observar:

- 1) Como o *valor linguístico* se imprime nas formas utilizadas pelo indivíduo que apresenta fala sintomática, considerando que o valor de um elemento é determinado por tudo aquilo que o precede/sucedo nos *eixos associativo e sintagmático*?
- 2) De que forma o *quadro figurativo da enunciação* permite que atestemos a singularidade dessas enunciações e que identifiquemos esses elementos (eu-tu-ele-aqui-agora) nelas?

- 3) Como a interpretação dos *polos metafórico* e *metonímico*, de Jakobson, permite que visualizemos a fala sintomática como única dentro de um sistema que comporte os *distúrbios de similaridade* e de *contiguidade*?

Por fim, temos a questão norteadora de nosso trabalho:

- 4) Partindo das concepções de *normal* e *patológico*, de que forma verificamos que esses conceitos não são o suficiente para abarcar a riqueza presente na fala sintomática, bem como para atestar a singularidade dessa fala?

Buscaremos respostas para os questionamentos propostos acima a partir das análises presentes na próxima seção. Deve-se levar em consideração que as teorias postuladas pelos três linguistas não abrangem, diretamente, a fala sintomática. Sendo assim, estamos propondo neste trabalho um deslocamento entre os campos da Linguística e da Clínica de Linguagem.

### 3.3 POR UMA ANÁLISE QUE CONSIDERE A SINGULARIDADE DA FALA SINTOMÁTICA

#### Fato Enunciativo 1:

Participantes: Criança (P.U) e Terapeuta

Idade: 3 anos e 5 meses

- Criança: (1) U avião, u avião.  
 Terapeuta: (2) O avião que a gente tinha pego outro dia, né?  
 Criança: (3) **Oto dia ( )**  
 Terapeuta: (4) É parecido com o avião que o pai vai para São Paulo trabalhar e volta.  
 Criança: (5) **I volta. I u papai viaza i volta lá em casa**  
 Terapeuta: (6) Isso: ele vai trabalhar e volta lá em casa, na tua casa.  
 Criança: (7) **Segô o papai com o P.**  
 Terapeuta: (8) Chegou o papai com o P? O que que eles vão fazer agora?  
 Criança: (9) ( )  
 Terapeuta: (10) Vão descendo?  
 Criança: (11) **O P vai descê.**  
 Terapeuta: (12) Vai descer do avião?

No primeiro fato enunciativo, grifamos alguns trechos de maior relevância em nossa análise, mas daremos atenção a cada recorte da cena, considerando a importância desse contexto para a análise linguística. Temos em (1) a fala da criança, referindo-se a um avião. A

criança usa a repetição, nessa asserção, como uma forma de enfatizar sua fala. Em (2), a terapeuta interage com P por meio de uma interrogação, que marca a relação *eu-tu*, uma vez que ela suscite uma resposta do alocutário (BENVENISTE, 1974/2006, p. 86) e, em (3), P responde com uma forma esperada em casos de ecolalia, com a repetição de um trecho do enunciado anterior. Em (4) percebemos uma ruptura no diálogo, no qual a terapeuta parece não dar atenção a forma utilizada por P em (3), retomando o assunto do avião e inserindo outros dados, como a questão do pai que vai para São Paulo trabalhar. Em (5) P segue com o assunto proposto em (4); inicia com a repetição (ecolalia) de um trecho do enunciado anterior mas depois apresenta indícios de autoria, ao formular um enunciado diferenciado do anterior (I u papai viaza i volta lá em casa). Ainda que ele volte a repetir a forma “i volta”, percebemos que ele insere mais informações em seu enunciado, tornando-o único, pois já é sabido que enunciar é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 82) e que toda enunciação, por mais parecida com outra, jamais será igual, pois as noções de tempo, espaço e pessoa são únicas, referentes ao momento em que aquele enunciado é proferido.

Seguindo com nossa análise, em (6) a terapeuta concorda com o enunciado de P em (5) mas aparentemente tenta enfatizar a noção de espaço utilizada pela criança, ao dizer “e volta lá em casa, na tua casa”. Dessa forma, ela está tentando mostrar para a criança que cada *eu* tem sua referência própria e que o “lá em casa”, presente em (5), não é o mesmo “lá em casa” de (6), por isso o uso de “na tua casa”, para mostrar que a referência espacial mudou pois quem enuncia não é mais a criança e sim a terapeuta. Adiante, em (7), P utiliza a forma “P” como autorreferência, o que atesta algo que a mãe do menino havia informado (que ele não se referia a si próprio como “eu”). No entanto, acreditamos que esse tipo de equívoco (se é que podemos chamar assim) não é um problema relacionado com a questão da autorreferência, mas sim uma confusão que a criança pode fazer, ao ter de trabalhar com todas as formas que se referem a ela (veremos isso melhor na análise do fato enunciativo 2). Outra questão que também pode estar relacionada a isso é que espera-se que uma criança dessa idade não cometa esse tipo de equívoco, no entanto, apesar de estarmos diante de uma dificuldade de ordem semântica, percebemos que a criança sabe do que está falando e está se colocando como *eu*, mesmo que isso tensione um tanto as relações entre forma e sentido <sup>12</sup> no

---

<sup>12</sup> Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem* (1974/2006), define o *sentido* como “a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (*op. cit.*, p. 222) e a *forma* como “ou a matéria dos elementos lingüísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível lingüístico relevante.” (*op. cit.*) O

referido enunciado. A comunicação é estabelecida e é possível compreender o que ela pretende dizer, por isso acreditamos que essa questão não significa, propriamente, um problema.

Em (8) a terapeuta, por meio de uma interrogação, volta a suscitar uma resposta da criança, bem como em (10). Por fim, em (11), percebemos que a criança não só utiliza a forma “P” como autorreferente como também conjuga o verbo “descer” de acordo com a forma utilizada, o que demonstra uma apropriação linguística das pessoas e das formas verbais, chamando nossa atenção considerando que a criança, nesta época, estava com apenas 3 anos e 5 meses.

Pensando na questão do *valor*, de Saussure, vemos que a criança, principalmente nos trechos que caracterizam a ecolalia [(3) e (5)], não escolhe qualquer trecho para repetir. Vemos que, por mais que essa disfunção esteja presente em sua fala, ao selecionar os trechos que vai repetir (principalmente a parte “e volta”), ela não seleciona qualquer trecho, mas sim aquele que permite que a permite desenvolver um enunciado (isso está presente de forma mais evidente em (5) do que em (3), como já mencionamos). Tal fato caracteriza a noção de *valor linguístico* que estamos utilizando, uma vez que ter *valor* significa ser aquilo que os outros não são e também está na relação de dependência que o elemento estabelece com os demais ao seu redor. Neste caso, estamos considerando que o *valor* deste trecho está relacionado, principalmente, à possibilidade que ele abre para que a criança demonstre autoria daquilo que diz, partindo do trecho do enunciado de outro para formar seu próprio enunciado (muito embora já tenhamos visto que cada enunciado é único). O que queremos dizer é que a escolha do trecho para a repetição não é algo ligado ao simples “acaso”, mas sim ligado a uma ideia de continuidade.

Relacionando o que vimos com as questões postuladas por Jakobson, ao tratar dos *polos metafórico e metonímico*, tentaremos associar essas noções ao caso de ecolalia (lembrando que quando Jakobson traz essas noções, está discutindo sobre as afasias para pensar o funcionamento da linguagem como um todo). Considerando os trechos (3) e (5) do primeiro fato enunciativo, vemos que a criança seleciona apenas uma parte do enunciado

---

linguista propõe que vejamos a língua em seus dois domínios, no semiótico (intralinguístico) e no semântico (língua em uso). No domínio semiótico, o *sentido* seria a capacidade de o elemento ser opositivo (um elemento é aquilo que o outro não é), significativo e identificável pelos falantes da língua (o autor dá o exemplo de “chaméu”, como um elemento não significativo na língua portuguesa em oposição a “chapéu”, elemento significativo). Já no domínio semântico, “o *sentido* de uma frase é sua idéia, o *sentido* de uma palavra é seu emprego.” (*op. cit.*, p. 231, grifos nossos)

anterior, e não o enunciado inteiro. Segundo Surreaux (2006), no *distúrbio de similaridade*, o sujeito “tem dificuldade de começar um diálogo, mas, com a ajuda de partes de frase ou de palavras, ele completa seu enunciado” (p. 50). Portanto, podemos encarar esses dois trechos como “saídas metonímicas” (na quais o todo é substituído por uma parte) encontradas pela criança. Em (3) não sabemos se a criança desenvolve um pouco mais o enunciado (temos os parênteses indicando que o segmento não foi compreendido), mas em (5) percebemos que ela utiliza uma forma dita anteriormente (um pedaço do enunciado) para então dar continuidade com aquilo que ela desejava enunciar.

Por fim, embora já tenhamos feito uma análise relacionada à teoria enunciativa de Benveniste, podemos retomar as questões do *quadro figurativo da enunciação* para pensar a respeito do que temos nessa cena. Em relação às noções de pessoa *eu-tu*, vemos que a troca ocorre de forma espontânea. Em alguns momentos, como em (2), (8) e (10), vemos que a terapeuta, por meio de interrogações, suscita respostas do seu alocutário (neste caso, a criança) que, assume a forma *eu* e passa a sujeito. Outro aspecto interessante relacionado às noções de pessoa se refere ao fato de que a criança utiliza a forma “P” para referir-se a si própria, como ocorre em (7) e (11). Ela utiliza essa forma ao invés de utilizar *eu*, no entanto, na enunciação dela, essa forma funciona como *eu*. Em relação ao *ele*, vemos que ocorrem mudanças conforme o diálogo se desenvolve. No primeiro momento, criança e terapeuta falam de um avião. Depois o assunto passa a ser o pai (o pai que vai para São Paulo e retorna para casa), até chegarmos no instante em que *ele* representa pai e filho que estão chegando de avião, em uma situação hipotética/imaginada dentro do fato enunciativo. Sobre a noção de espaço (*aqui*) observamos alguns aspectos interessantes. Quando P, em (5), diz “lá em casa”, ele não está se referindo a qualquer lugar, ou a qualquer casa. A criança está dizendo que a sua referência espacial é sua própria casa, não é a casa da terapeuta ou de qualquer outra pessoa. E isso é bastante interessante, pois aparece de forma enfatizada na fala dela. Depois disso, quando ela fala “segô o papai com o P”, aparentemente o local da enunciação mudou e passou a ser o local do desembarque do voo, e isso se evidencia quando P fala, em (11), “o P vai descê”. Já em se tratando do tempo da enunciação, percebemos pelas formas “volta” (5), “viaza” (5), “segô” (7) e “vai descê” (11) que P é capaz de articular as formas verbais para estabelecer o tempo da enunciação, o presente da enunciação. Sendo assim, vimos que a criança consegue articular-se de forma eficiente no *quadro figurativo da enunciação*.

Analisaremos, agora, o segundo fato enunciativo a fim de buscar os elementos tratados por Saussure, Jakobson e Benveniste para nosso estudo.

**Fato Enunciativo 2:**

Participantes: Criança (P.U) e Terapeuta

Idade: 3 anos e 5 meses

- Terapeuta: (1) E aqui, o que é nesse prato?  
 Criança: (2) Comida de batata.  
 Terapeuta: (3) Ah que coisa boa! Uma comida com batata!  
 Criança: (4) Bolu, bolu de socolati.  
 Terapeuta: (5) Ah, outra coisa maravilhosa, bolo de chocolate! Eu estou sentindo o cheirinho! Uhm!  
 Criança: (6) **Uhm! Eu tô com muita fome.**  
 Terapeuta: (7) Eu também.  
 Criança: (8) **O P tem, tá com a fome.**  
 Terapeuta: (9) Tu está com a tua e eu estou com a minha fome, né?  
 Criança: (10) **O P vai botá bigadelo.**  
 Terapeuta: (11) Vai ter brigadeiro nesse bolo? Como tu és um bom cozinheiro, P!  
 Criança: (12) ( ) u gafiu.  
 Terapeuta: (13) Tem garfo de três cores: rosa, cinza e transparente.

Neste segundo fato enunciativo, bem como no primeiro, grifamos alguns trechos de maior relevância em nossa análise, mas seguiremos analisando parte por parte, pois como já mencionamos anteriormente, essa análise geral é de suma importância para a linguística. Em (1) temos uma interrogação da terapeuta, que suscita uma resposta do seu alocutário (nesse caso, representado pela criança). Em (2) a criança fornece a resposta para (1), marcando-se como sujeito da enunciação. Em (3) percebemos que a terapeuta incentiva a criança a continuar sua fala sobre a “comida com batata”, o que percebemos que não ocorre, pois em (4) a criança opera um deslocamento de ordem metonímica e passa a falar sobre o “bolu de socolati” (a “comida de batata” relaciona-se, em presença, com o “bolu de socolati”). Percebemos que apesar de não ser um enunciado muito extenso, ele demonstra a autonomia de P, nesse diálogo. Em (5) a terapeuta enfatiza a forma “bolo de chocolate” e, podemos pensar com relação a isso, que é uma forma de tentar corrigir a criança, mas que não parece fazer algum efeito, pois em (6), com um possível efeito da ecolalia, a criança repete a forma “Uhm” trazida em (5) e continua seu enunciado, falando que está com muita fome. Neste momento atentamos para o uso de “eu”, pois a mãe da criança menciona que ela não se refere a si própria utilizando a forma “eu” e, neste trecho, estamos desconstruindo essa ideia e apontando que essas trocas podem ser ocasionadas muito mais por uma oscilação do que por uma impossibilidade relacionada à autorreferência. Depois que, em (7), a terapeuta fala que também está com fome, vemos em (8) a criança utilizando a forma “P” para se autorreferir, o

que atesta aquilo que falamos na análise do primeiro fato enunciativo: essa questão semântica de autorreferência não representa propriamente um problema, uma vez que o interlocutor da criança compreende o que ela diz e em outros momentos a criança utiliza a forma “eu”. Logo, essa alternância não parece representar um problema tão grave, considerando que a criança é capaz de fazer uso da forma “eu” e quando utiliza a forma “P” adapta todos os verbos para essa forma. Isso pode estar muito mais relacionado a um fato social, ou seja, a sociedade/pessoas espera(m) que uma criança nessa idade não cometa mais esse tipo de equívoco, no entanto sabemos que é natural as pessoas conversarem com crianças se referindo a elas como um *ele* e não como um *tu*. Esse tipo de situação pode gerar confusão para a criança, fazendo com que ela não saiba qual forma deve utilizar, fazendo uso (muitas vezes) da forma que os adultos a seu redor utilizavam para tratar dela. Vale ressaltar que essa conclusão é apenas uma hipótese que estamos trazendo neste trabalho. Outra questão bastante interessante de se pensar nesse trecho é que P usa, ao falar da fome, o artigo “a”, como uma forma, uma tentativa de enfatizar que a fome que ele está sentindo é muito grande (não é uma fome qualquer, é “a” fome!) e isso chama nossa atenção pela noção de ênfase que ele apresenta.

Seguindo com nossa análise, em (9) a terapeuta retoma a questão da fome trazendo a questão dos pronomes “tu – tua” e “eu – minha”, aparentemente, com o intuito de mostrar para a criança essa distinção entre *eu* e *tu*. Em (10), P faz uma ruptura no assunto da fome e utiliza a forma “P”, novamente, como autorreferente e fala que vai colocar brigadeiro. Em (11) a terapeuta suscita uma resposta da criança ao perguntar se o brigadeiro vai no bolo e depois, com a exclamação “como tu és um bom cozinheiro, P!” parece que ela segue na tentativa de conseguir alguma resposta do alocutário, no entanto, em (12), temos um trecho que não foi compreendido e vemos que a criança, mais uma vez, rompe o assunto com a colocação sobre os talheres.

Com relação à *teoria do valor* saussuriana, vemos algo bastante interessante neste fato enunciativo. Em (10), a criança fala “O P vai botá bigadelo”. No primeiro momento não prestamos atenção nessa questão, mas se atentarmos para o assunto da conversa (falando do bolo de chocolate), percebemos que ela não seleciona qualquer termo para enunciar, ela trata do brigadeiro, que pode ser relacionado ao chocolate. Vemos, nesse ponto, que a criança opera uma seleção dentro do *eixo associativo* (chocolate/brigadeiro), o que mostra que ela não escolheu qualquer termo para inserir na sua enunciação, ela optou por aquele que, de uma forma ou de outra, se relaciona com o item anteriormente tratado. Esse movimento realizado

por P chama a atenção, dentro da análise linguística, pois mostra o deslocamento operado pelo falante, ao eger um termo em detrimento de tantos outros possíveis.

Em se tratando de Jakobson, vemos que a criança, diferentemente do fato enunciativo 1, não apresenta tantos sinais da ecolalia, apenas em (6) ela utiliza o “uhm”, mencionado anteriormente pela terapeuta, para iniciar seu enunciado. Assim como na primeira análise, podemos encarar esse trecho como uma “saída metonímica”, a qual é utilizada para ajudar a iniciar o enunciado. Também é interessante observar que não foi qualquer termo da enunciação anterior que foi selecionado, foi justamente o termo que “encaixa” perfeitamente com a ideia que a criança quer trazer nesse momento, a ideia de algo que a lembre que ela está com muita fome.

E por fim, considerando o *quadro figurativo da enunciação* (eu-tu-ele-aqui-agora), observamos a reversibilidade<sup>13</sup> das pessoas *eu-tu* e como esse fato permeia todo o diálogo, uma vez que a cada instante *eu* é uma pessoa diferente (ora terapeuta, ora criança). Com relação ao espaço/tempo, temos as formas verbais “tô” (6), “tem” e “tá” (8) e “vai botá” (10) indicando o presente da enunciação e, conseqüentemente, o espaço (o espaço como sendo o lugar daquele que enuncia). Deve-se considerar que esse diálogo é uma brincadeira entre a terapeuta e a criança, logo o espaço e o tempo são os que se referem à brincadeira.

### 3.4 O NORMAL E O PATOLÓGICO NA ANÁLISE

Conforme apontado em 3.2, a quarta questão norteadora de nossas análises é relacionada com a noção de *normal* e *patológico* e em como essas noções não são suficientes para tratar da fala sintomática e atestar a singularidade dessa fala. Como vimos nas nossas análises, essas noções não sustentam nosso trabalho, pelos seguintes motivos:

- 1) Considerando que a fala dita *normal* é toda aquela que segue uma norma, uma espécie de acordo entre os indivíduos de uma sociedade, qualquer uma que saia desse padrão já é considerada *patológica*. No entanto, percebemos que as diferenças estão presentes

---

<sup>13</sup> Benveniste trata dessa noção no texto *Da subjetividade na linguagem* (1966/2005), quando diz que “nenhum dos dois termos (*eu* e *tu*) se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo são reversíveis.” (*op. cit.*, p. 286 – 287). Ou seja, *eu* e *tu* podem mudar de posição (*eu* posso assumir o lugar de *tu* e *tu* pode assumir a posição de *eu*).

em todas as falas, logo a noção de *patológico* como aquilo que desvia do padrão não é o suficiente, pois poderíamos dizer que nenhuma fala representa a normalidade, integralmente.

- 2) Tendo em vista que a concepção de normalidade está relacionada a algo pré-estabelecido socialmente, fica a questão: quem determinou o que é o *normal*? Quem criou essa concepção? Aparentemente os conceitos de *normal* e *patológico* não respondem esses questionamentos, logo a tentativa de estabelecer o que é um ou o que é o outro é totalmente inválida, pois não possuímos algo concreto, uma concepção exata.
- 3) Percebemos, na análise dos fatos enunciativos, a riqueza presente na fala da criança, fala essa diagnosticada como sintomática. Entretanto, o conceito de *patológico* não representa essa riqueza, não representa a totalidade da fala desse indivíduo, logo essa concepção não serve para nossa análise.

De acordo com motivos apresentados, percebemos que a diferenciação entre *normal* e *patológico* não é relevante para este trabalho, tendo em vista que ela não diz respeito à singularidade da fala dita sintomática, sobre essa maneira particular de se expressar, de enunciar, de se estar na linguagem. Sendo assim, acreditamos que uma análise linguística da fala, que busque compreender a riqueza e a singularidade dela, não deve se deter pela estandardização nessa classificação polarizada/dicotômica, uma vez que ela não acrescente nada, em termos de teoria.

Passaremos, enfim, para nossas considerações finais para sintetizarmos nossas conclusões com este trabalho e com as análises aqui propostas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a singularidade do funcionamento da linguagem de falas ditas sintomáticas. Tendo em vista esse objetivo, buscamos nas teorias de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson elementos que possibilitassem a análise de falas sem a estandardização como *normal* ou *patológica*, considerando que uma de nossas observações é de que esses termos não contribuem para uma análise que busque a compreensão da singularidade da fala.

De Saussure, as noções de *linguagem*, *língua* e *fala* foram fundamentais para dar início à nossa teorização, considerando que o mestre genebrino é o “pai da Linguística” e, segundo Benveniste, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo” (1966/2005, p. 34), essas noções abrem os caminhos para nossas reflexões. A *linguagem*, conjunto heteróclito e multiforme, é composta pela *língua* e pela *fala*, sendo que a *língua* representa o lado social e é essencial, ao passo que a *fala* representa o lado individual e é acessória ou mais ou menos accidental. Dessas noções partimos para a noção de *signo linguístico* que, segundo o autor, é uma entidade psíquica composta por duas faces: de um lado, o significado (conceito) e do outro, o significante (imagem acústica). A partir do signo linguístico, Saussure possibilita que pensemos nas características dele, que são: *arbitrariedade*, *linearidade*, *mutabilidade* e *imutabilidade*. Disso passamos à noção de *valor linguístico*, noção essa tão importante em nossas análises, tendo em vista que verificamos de que maneira o *valor* se imprime nas formas utilizadas pelo falante (ele é determinado por tudo aquilo que o sucede/precede nos *eixos associativo* e *sintagmático*).

Em seguida vimos na teoria enunciativa de Benveniste toda a questão envolvendo a singularidade do sujeito falante, considerando que o linguista tem, em sua obra, a *subjetividade* como cerne de suas questões. Segundo o autor, a *subjetividade* é a capacidade que o locutor possui de se propor como sujeito da enunciação, através da apropriação de formas existentes na língua para fazer emergir no discurso. Assim, buscamos analisar a partir de suas obras os elementos representativos da *subjetividade* (pronomes, advérbios, etc) e de que forma esses elementos aparecem nas enunciações. Benveniste nos mostra que a simples análise das palavras não é o suficiente para compreendê-las ou determinar algo a seu respeito: é necessário considerar o momento em que elas são enunciadas. Ou seja, o ato enunciativo é

elemento de extrema relevância para o linguista, já que ele contém as informações necessárias para essa maior compreensão da enunciação, para a compreensão dos elementos que fazem emergir a *subjetividade* daquele que enuncia (e essa noção é de suma importância para nós, uma vez que estejamos buscando compreender a singularidade de uma fala que desvia daquilo que é considerado *normal* e, para tanto, devemos olhar com mais atenção para esse sujeito falante).

A partir das reflexões sobre a *subjetividade* e a importância do ato enunciativo, nos dispomos a verificar de que maneira o *quadro figurativo da enunciação* (eu-tu-ele-aqui-agora) permite que atestemos a singularidade das enunciações presentes em nossas análises e, também, como os elementos do *quadro figurativo* aparecem nesses fatos enunciativos.

Por fim, de Jakobson, partimos da premissa de que o autor é extremamente importante numa análise linguística de falas sintomáticas, uma vez que ele foi pioneiro em abordar a importância da análise linguística de tais falas. Verificamos, a partir de seu artigo sobre as afasias, a questão dos *distúrbios de similaridade* (o *polo metafórico* é prejudicado) e de *contiguidade* (o *polo metonímico* é prejudicado). No *distúrbio de similaridade*, o falante busca uma saída no *polo metonímico* e, no *distúrbio de contiguidade*, ele busca essa saída através do *polo metafórico*.

Ainda que no texto que utilizamos para este trabalho Jakobson trate da questão específica das afasias, acreditamos ser possível elaborar uma análise a partir das noções de *polo metafórico* e *metonímico*, tratadas pelo autor. Sendo assim, em nossas análises, buscamos verificar de que forma essa interpretação dos polos permita que visualizemos a fala sintomática como única, considerando um sistema que comporte os *distúrbios de contiguidade* e de *similaridade*.

Após montarmos nosso aporte teórico, iniciamos as análises de dois fatos enunciativos, extraídos de Surreaux (2006), de uma criança (P.U), com três anos e cinco meses de idade, encaminhado para tratamento por realizar algumas trocas de fonemas, por não conseguir utilizar a forma “eu” para se referir a si próprio e por ecolalia. Nossas análises apontaram que, considerando os aspectos saussurianos, P.U não seleciona qualquer trecho do enunciado da terapeuta para repetir, ele elege o trecho que permite o desenvolvimento da sua enunciação, que o permite demonstrar autoria daquilo que diz (mesmo que seja partindo de um enunciado anterior). Desse modo, vemos a noção de *valor linguístico* presente nessas

análises, uma vez que ter *valor* significa ser aquilo que os outros não são e, nesse caso, ter *valor* significa gerar possibilidades de interpretação a partir das relações que cada elemento estabelece com os demais. No fato enunciativo 2, a criança seleciona, no *eixo associativo*, o “brigadeiro” pela associação que fez com o “chocolate”, do “bolo de chocolate”. P.U poderia ter escolhido qualquer outra palavra, mas realizou um movimento interessante ao eleger essa palavra, em meio a tantas outras possibilidades.

Considerando os aspectos enunciativos de nossas análises, acreditamos que, dentro do *quadro figurativo da enunciação*, o que mais chamou nossa atenção foi a utilização da forma “P” como *eu*, pela criança. Essa questão de ordem semântica, no entanto, não representa um problema, pois o interlocutor consegue compreender a intenção de P.U ao enunciar dessa forma, além disso, em alguns momentos, P utiliza a forma *eu* e isso só atesta que tal alternância não representa algo “grave”. Ou seja, a forma eleita por P.U para autorreferência não afeta drasticamente a comunicação, não impede que ela seja estabelecida. Em relação aos aspectos relacionados à teoria de Jakobson, percebemos que a criança apela para saídas metonímicas em suas enunciações, selecionando uma parte para representar o todo, uma vez que ela encontra dificuldades para iniciar um enunciado e necessita, em certos momentos, de algo que a impulse a continuar sua fala.

Recapitulando a primeira parte de nosso trabalho, dedicada ao tratamento das noções de *normal* e *patológico*, foi possível constatar que, a partir da ideia que se tem de *normal* (norma; algo padronizado que é determinado por um grupo de pessoas de uma dada sociedade) e de *patológico* (tudo aquilo que desvia do padrão), tais noções não são suficientes para compreender a riqueza e a heterogeneidade dessas falas ditas sintomáticas, uma vez que se toda a fala que desvia do padrão é considerada *patológica*, então não existe uma “fala *normal*” de maneira integral. Logo, essas concepções são vagas demais e não representam algo relevante para uma análise linguística que busque compreender a singularidade dessas falas, do funcionamento da linguagem dessas falas. A relação *normal/patológico* não deve representar a análise linguística como um todo, ela pode servir como meio de reflexão (assim como serviu para a construção deste trabalho), para pensarmos em como essa dicotomia está atrelada muito mais a uma concepção de “avaliação” e “tratamento” do que a uma concepção linguística dos fatos.

Acreditamos que a relevância deste trabalho está vinculada à ideia de buscar um aporte teórico linguístico para realizar a análise de falas sintomáticas, uma vez que essas,

muitas vezes, são objeto de estudo de outras áreas, como a Fonoaudiologia, a Psicolinguística e a Neurolinguística, e acabam escapando do campo de visão dos linguistas. Esperamos, assim, suscitar novas ideias, inspirações e questionamentos relacionados ao funcionamento da linguagem dessas falas tão singulares e tão ricas em aspectos de análise, sempre considerando que cada sujeito, portador de fala sintomática, é único e merece uma análise mais atenta da sua fala (e não apenas um lugar em um quadro classificatório).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARESI, Fábio. **Por uma problematização da distinção normal/patológico na linguagem: uma abordagem enunciativa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2006.

BENVENISTE, Émile. (1966) **Problemas de lingüística geral I**. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. (1974) **Problemas de lingüística geral II**. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. (2005) **Introdução à linguística da enunciação**. 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento [et al]. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

JAKOBSON, Roman. (1967) **Linguística e comunicação**. 22ª edição. São Paulo: Cultrix, 2010.

PERRONI, Maria Cecília. O que é dado em aquisição da linguagem. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1970) **Curso de linguística geral**. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

STAWINSKI, Aline Vargas. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2016.

SURREAUX, Luiza Milano. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2006.